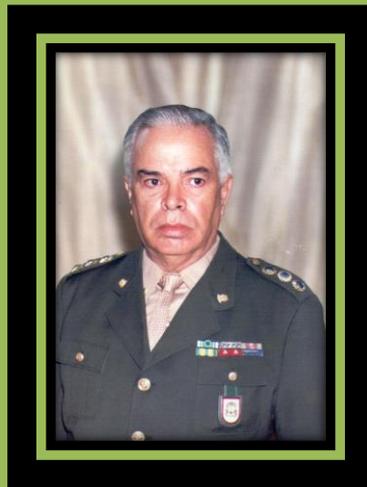


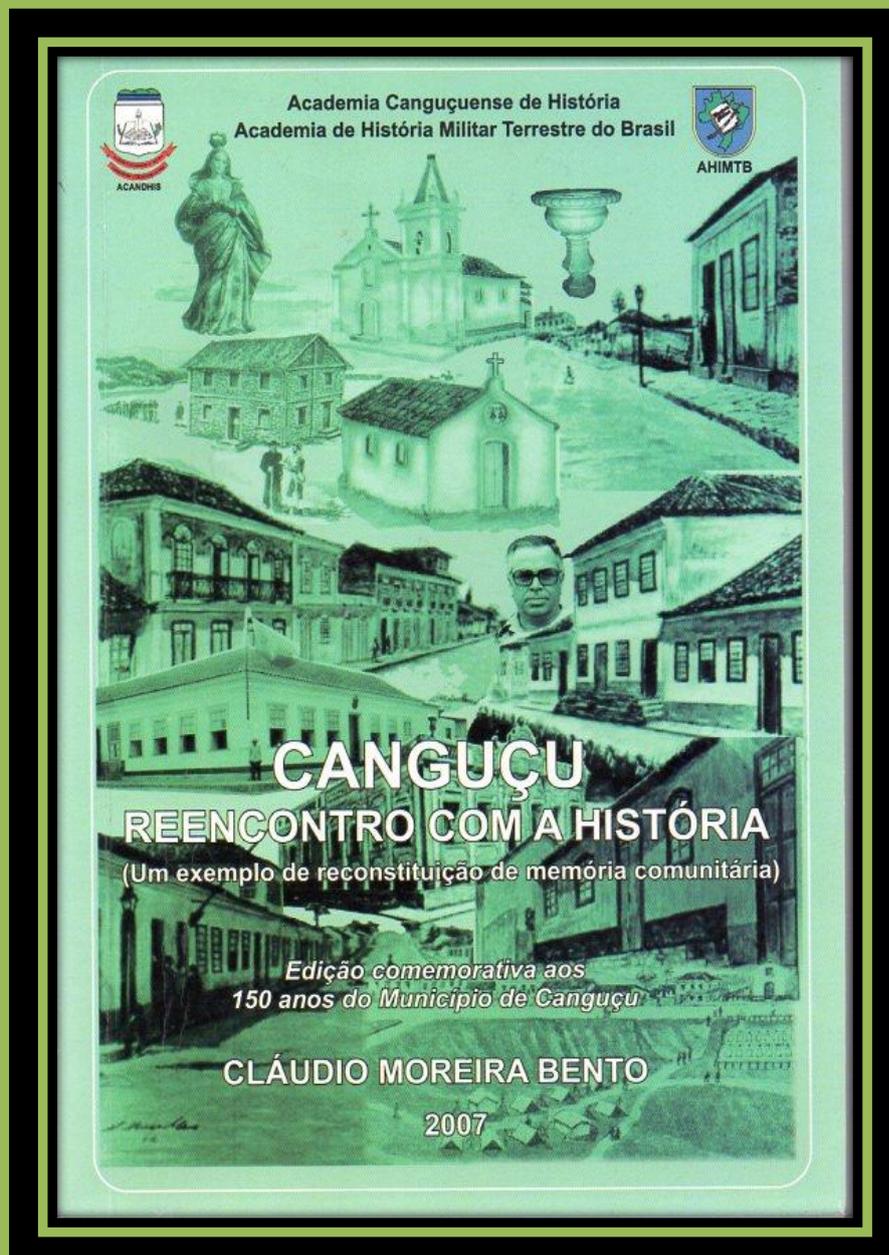
**PREFACIADORES OU APRESENTADORES DE MEUS LIVROS SOBRE CANGUÇU-RS E
MEUS PREFACIOS OU APRESENTAÇÕES E COMENTÁRIOS DE LIVROS SOBRE
CANGUÇU**



LIVRO DIGITAL

**Editado por Camila Karen
C. S. Renê**

Cel Claudio Moreira Bento, Presidente da ACANDHIS



Cel CLAUDIO MOREIRA BENTO

LIVRO DIGITAL

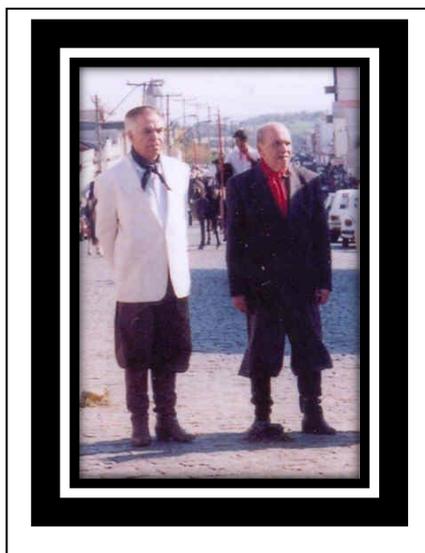
PREFACIADORES OU APRESENTADORES DE MEUS LIVROS SOBRE CANGUÇU E MEUS PREFACIOS E COMENTARIOS SOBRE LIVROS SOBRE CANGUÇU-RS

SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO EM 1983 DE MEU LIVRO CANGUÇU REENCONTRO COM A HISTÓRIA, POR LUIZ CARLOS BARBOSA LESSA - 3
- APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO DE MEU LIVRO CANGUÇU-REENCONTRO COM A HISTÓRIA, PELO JORNALISTA CAIRO MOREIRA PINHEIRO - 4
- APRESENTAÇÃO DE MEU LIVRO MUNICÍPIO DE CANGUÇU – FORMAÇÃO, HISTÓRICA, PELO PREFEITO DE CANGUÇU, ENG AGRO NELSON EDI GRICOLETTI - 5
- APRESENTAÇÃO DO MEU LIVRO HISTÓRIA DA REAL FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO DO RINCÃO DO CANGUÇU, PELO PREFEITO DE CANGUÇU ENG AGRO NELSON EDI GRICOLETTI - 6
- APRESENTAÇÃO DO MEU LIVRO BICENTENÁRIO DA FREGUESIA N. S. DA CONCEIÇÃO DE CANGUÇU PELOS ACADÊMICO E ACADÊMICAS YONNE MARIA SHERER BENTO, ALIETTE MARTINS RIBEIRO, IRMÃ CECÍLIA IVONE RIGO E CAIRO MOREIRA PINHEIRO. - 8
- APRESENTAÇÃO DO MEU LIVRO CANGUÇU 200 ANOS, POR MEU AMIGO CEL OMAR LIMA DIAS, PRESIDENTE DO GREMIO BENEFICIENTE DE OFICIAS DO EXÉRCITO- GBOEX - 9
- PREFÁCIO DE MEU LIVRO EM CANGUÇU VELHO CANGUÇU-RS A SEDE DA REAL FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO DO RINCÃO DE CANGUÇU POR FERNANDO O'DONNEL DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA - 10
- MINHA INTRODUÇÃO EM MEU LIVRO MINHAS MEMÓRIAS INFANTIS EM CANGUÇU-RS. - 12
- MEU COMENTÁRIO DO LIVRO CERRITO-RS RAÍZES DE NOSSA HISTÓRIA, DE GENES LEÃO BENTO (IMPORTANTE GENEALOGIA). - 13
- MEU PREFÁCIO DO LIVRO DIGITAL SÍNTESE DAS ATAS DA ACANDHIS, DA ACADÊMICA MIRIAM ZZULEICA REIS BARBOSA. - 16
- APRESENTAÇÃO DO LIVRO JOAQUIM ANTÔNIO SARAIVA – UM BRAVO REPUBLICANO, DE AUTORIA DE ANTÔNIA SARAIVA - 20

- A GUIA DE PREFÁCIO – ANÁLISE DO LIVRO A FORÇA DO ESPELHO DE UM BARBEIRO DE CANGUÇU-RS, DA ACADÊMICA AUTA SIRLEI BARBOSA OLIVEIRA - 24
- MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO CONHECENDO CANGUÇU NOVO OLHAR ORGANIZADO PELA IRMÃ CECÍLIA IVONE RIGO. - 28
- MINHA ANÁLISE DO LIVRO JOÃO GANCHO DE CLÓVIS ROCHA MOREIRA - 29
- MINHA APRESENTAÇÃO DA REVISTA 200 ANOS DE CANGUÇU EM 2000 - 30
- MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO PRIMEIROS MORADORES PRIMEIROS BASTISMOS EM CANGUÇU – RS 1800-1813 DE ILKA GUITTES NEVES. - 33
- MEU PREFACIO DO LIVRO, ERA UMA VEZ EM CANGUÇU QUANDO AS CRIANÇAS FAZIAM ARTE, DE ELOAH MOREIRA MORALES NASCIMENTO - 39
- MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIGITAL SOBRE A POSSE NA ACANDHIS DA PROFESSORA INGRID BOHMER FERRAZ NA CADEIRA Nº 18 ARCEBISPO DOM OCTAVIANO DE ALBUQUERQUE. - 44

APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO EM 1983 DE MEU LIVRO CANGUÇU REENCONTRO COM A HISTÓRIA POR LUIZ CARLOS BARBOSA LESSA



O autor à esquerda e Barbosa Lessa à direita em 2000 na comissão de frente do desfile tradicionalista em Canguçu, em 20 de setembro de 2.000

O presente trabalho de Cláudio Moreira Bento vem lançar luz sobre um dos períodos mais obscuros, mais desconhecidos e, todavia, da maior importância na formação sul-rio-grandense.

Efetivamente, nossa bibliografia tem sido rica em informações sobre a descida do lagunense de João de Magalhães ou a subida de Cristóvão Pereira, ao longo do

Litoral; sobre a fundação do quartel de Rio Grande, a invasão espanhola, o êxodo dos primeiros povoadores para os Campos de Viamão; ou o reassentamento lusitano, já com o aporte açoriano, às margens do rio Jacuí, em Rio Pardo. Mas, após a retomada de Rio Grande, a História parece silenciar e só retomará as páginas de nossos livros, ao eclodir da rebelião farroupilha.

No entanto, foi nesse lapso de tempo que surgiu uma primeira geração de “continentinos”, fixando estâncias, com uma mão semeando o trigo e com a outra empunhando a espada; em defesa do terreno ainda olhado pela Espanha.

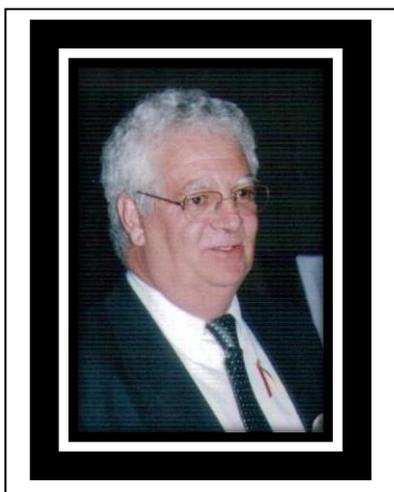
Não foi por acaso que nossos mais antigos documentos arquitetônicos — as belas sedes de estância — terminaram formando como que uma espécie de trincheira ao longo do rio Camaquã. Nossa “Ouro Preto” não é urbana: é um pontilhar de estabelecimentos pastoris, convenientemente reforçados, que vêm desde a Barra, a Charqueada, a Pacheca, passando pela Estância da Figueira, até a Armada, as estâncias dos Borbas e Mattos, até o Cristal, Almas e Combate. Situadas em seu legítimo contexto histórico, as ruínas da Estância do Cristal — um patrimônio da nacionalidade — significam para a civilização luso-brasileira tanto quanto as ruínas de São Miguel significam para a civilização hispano-jesuítica. Um marco de grandeza.

Cláudio Moreira Bento, neste livro, faz-nos reencontrar com este pedaço perdido de nossa História.

É claro, por sua temática corajosamente inovadora, o livro poderá, sob este ou aquele aspecto, gerar polêmica entre os especialistas. Causa estranheza o fato da Real Fitoria do Linho cânhamo ser aqui localizada em terra, adentro, distante alguns quilômetros das águas navegáveis (ilha da Fitoria). No entanto, mesmo em seus aspectos polêmicos, esta obra reafirma sua intenção maior, que é a de atrair atenção para um terreno tão escassamente palmilhado pelos homens de pesquisa.

Acoplado a dois outros livros editados pelo IEL -Origem de Jaguarão, de Sérgio da Costa Franco e História das Tradições da Cidade de Pelotas , de Mário Osório Magalhães-, Canguçu reencontro com a História , praticamente completa e valoriza uma verdadeira Trilogia da Zona Sul.

Barbosa Lessa do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul



Jornalista Cairo Moreira Pinheiro

Coube-nos a honrosa tarefa de prefaciar **“Canguçu Reencontro Com A História”** - um exemplo de reconstituição de memória comunitária em sua 2ª edição, ampliada e enriquecida em comemoração aos 150 anos de nosso município, e de autoria do Cel. Cláudio Moreira Bento, com quem somos ligados por laços de família, culturais e, sobretudo, de amizade.

Afirmamos sem medo de errar, ser este livro uma das mais importantes produções do autor, fruto de mais de 50 anos de incansáveis pesquisas com vistas a restaurar a bela e rica história da terra e gente canguçuense, que há 51 anos ele encontrou coberta por espessa camada de patina dos tempos. É um suporte de informações, um manancial de ensinamentos e de revelações, de consultas e pesquisas da maior seriedade e veracidade, enriquecidas pelos pareceres pessoais de Cláudio Moreira Bento. Com sua autoridade reconhecida de historiador de projeção estadual, nacional e internacional e, em particular, como o historiador militar brasileiro, considerado o maior historiador vivo, do Exército Brasileiro, onde fez brilhante e longa carreira e ainda goza de especial estima e consideração.

Esta obra histórica- literária é um instrumento didático de interpretação e difusão de fatos, transmissão de conhecimentos, documentação e entretenimento. É mais do que um produto, é um símbolo cultural, um modelo a ser seguido por pesquisadores interessados em resgatar, as memórias perdidas de seus municípios.

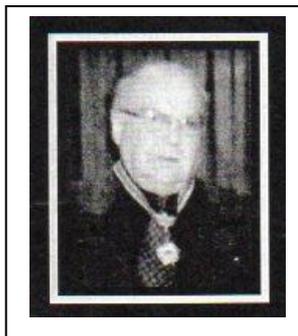
Não pretendemos alongar-nos, para não privarmos o leitor de mergulhar, sem perda de tempo, na magia das letras que o transportará às épocas por ele não vividas, mas quem sabe, por algum ancestral seu ou personalidades, que com suas sabedorias e seus trabalhos contribuíram para o bem de nossa terra muito amada e também por Cláudio, que em suas pesquisas sobre Canguçu, fisicamente longe de sua querência em função de sua carreira militar, esteve sempre espiritualmente, junto à sua gente, que está de parabéns por ver que existiu, existe e sempre existirão canguçuenses seguidores do belo exemplo do Cel. Cláudio Moreira Bento, preocupados em resgatar e divulgar a história e as tradições sob a luz da mais autêntica verdade, coerente com esta sentença que ele pronuncia com frequência – “História é Verdade e Justiça!”

Alimentamos o firme desejo e justificada esperança de que este livro seja o lume que despertará em cada leitor canguçuense, de nascimento ou de coração, uma forte centelha de apreço e de justificado orgulho pelo nosso querido Canguçu.

CAIRO MOREIRA PINHEIRO

Acadêmico Coordenador da Academia
Canguçuense de História ACANDHIS e
Academia Piratiniense de História - ACAPHIS
Conselheiro do Instituto João Simões Lopes Neto

**APRESENTAÇÃO DO MEU LIVRO MUNICÍPIO DE CANGUÇU FORMAÇÃO
HISTÓRICA EM 1991 PELO PREFEITO DE CANGUÇU E PRESIDENTE DE HONRA
DA ACANDHIS NELSON EDI GRIGOLETTI**



Eng. Agrônomo Nelson Edi Grigoletti Prefeito de Canguçu

O Poder Executivo de Canguçu, com grande satisfação e orgulho de parte de seus integrantes, apresenta mais uma valiosa contribuição do historiador CLAUDIO MOREIRA BENTO que, novamente, com a clareza que lhe é peculiar, aborda a história deste Município, com o propósito de colaborar com o povo canguçuense na busca de sua própria origem e identidade histórica.

Pela capacidade intelectual do Autor, reconhecida internacionalmente, é de esperar que a nossa ACANDHIS, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e os participantes do VIII Encontro de Micro-histórias acolham este trabalho - **Município de Canguçu: Formação Histórica** - e dele retirem a sua essência que julgamos de extraordinário significado para esta terra, que sem o trabalho de abnegados como o Autor, não teria história ou a teria próxima ao ridículo.

Claudio Moreira Bento é, acima de qualquer dúvida, a representação viva do elo entre o presente e o passado deste Município, por isso seu valor há que ser sempre exaltado, especialmente por seus conterrâneos: os canguçuenses.

Canguçu (RS), setembro 1991.

NELSON EDI DA COSTA GRIGOLETTI

Prefeito Municipal e Presidente de Honra da Academia Canguçuense de História

APRESENTAÇÃO DO MEU LIVRO HISTÓRIA DA REAL FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO DO RINCÃO DO CANGUÇU, A CARGO DO PREFEITO DE CANGUÇU/PRESIDENTE DE HONRA DA ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA



Eng. Agrônomo Nelson Edi Grigoletti Prefeito de Canguçu

"O Poder Executivo de Canguçu-RS, com grande satisfação e orgulho edita mais esta valiosa contribuição às histórias dos municípios de Canguçu e Pelotas, do Rio Grande do Sul, do Brasil e até de Portugal, do historiador e filho ilustre da terra Claudio Moreira Bento, o qual, mais uma vez, com clareza e apoio em fontes primárias de História irretorquíveis e de maneira didática, aborda a verdadeira localização da controversa Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu 1783-89 que há 170 anos, fruto de uma leitura e interpretação equivocadas das

MEMÓRIAS ECONÔMICO-POLÍTICAS de Antônio Gonçalves Chaves de 1822, vem sendo, pelo menos a partir de 1912, considerada, sem contestação, por fontes de 2ª, 3ª, 4ª. Mãos, como tendo funcionado na ilha de Canguçu e atual da Feitoria, na Lagoa dos Patos, ao contrário da realidade. Ou seja: ela funcionou no Continente, no primitivo Rincão do Canguçu que era limitado por alturas indeterminadas da Serra dos Tapes, em Canguçu, e pelos arroios Correntes e Grande e Lagoa dos Patos (excluída a ilha de Canguçu e atual da Feitoria). Enfim, território que abrange hoje partes dos municípios de Canguçu e Pelotas. Comprova Claudio Moreira Bento que o nome de ilha da Feitoria não advém de ali ter funcionado a Real Feitoria, mas sim da fazenda Feitoria que no antigo Rincão do Canguçu substituiu a Real Feitoria, a partir de 1795, e que passou a ser administrada da atual fazenda Sotéia na ilha, após o antigo Rincão do Canguçu e ilha de Canguçu passarem a pertencer ao capitão mór de Ordenanças de Laguna- SC Paulo Rodrigues Xavier Prates, junto com terras onde se assenta hoje a cidade de Canguçu. Assim, ilha da Feitoria, entenda-se como ilha da Fazenda Feitoria no Continente, e não ilha ou Rincão do Canguçu, onde teria funcionado a Real Feitoria.

O autor resgata a verdade histórica e as raízes do atual município de Canguçu e cidade que, segundo J. Simões Lopes Neto, o primeiro historiador de Canguçu, se encontram na primitiva estância Canguçu e depois Feitoria, do citado capitão mór Paulo e herdeiros, que sucederam a Real Feitoria do Linho cânhamo no Rincão do Canguçu, cuja sede foi em Canguçu Velho, onde ainda podem ser vistas, bem conservadas, as ruínas oitocentistas de pedra do sobrado sede e mangueirão quadrado descobertos pelo autor e comunicados em seus trabalhos desde 1975 e, intensivamente pelo DIÁRIO POPULAR de Pelotas, conforme ele o registra.

É motivo de orgulho para os canguçuenses conhecer que de 1782-89 o Príncipe D. João, dois vice reis do Brasil, dois governadores do Rio Grande e altas autoridades portuguesas, depositaram o melhor de suas esperanças em Canguçu e Pelotas, no sentido de obterem de, suas terras material estratégico essencial à navegação a vela - o linho, cânhamo, do qual Portugal dependia da Inglaterra. E mais, terem as terras de Canguçu, junto com as de Pelotas, do antigo Rincão do Canguçu, servido para a primeira iniciativa oficial no Rio Grande do Sul na Agricultura.

Repetimos: Claudio Moreira Bento é, acima de qualquer dúvida, a representação viva do elo entre o passado e o presente deste, município, pelo qual demonstra tanto amor. Por isso, principalmente, e pelo que tem honrado e dignificado sua terra natal, como historiador brasileiro emérito e renomado, há que ser reconhecido e muito especialmente pelos seus conterrâneos canguçuenses.

É uma honra e um dever participar desta iniciativa de resgate da identidade e de importante e basilar capítulo da memória de Canguçu."

NELSON EDI GRIGOLETTI - Prefeito de Canguçu
Presidente de Honra da Academia Canguçuense de História

PREFÁCIO DE MEU LIVRO BICENTENÁRIO DA FREGUESIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CANGUÇU PELOS ACADEMICOS DA ACANDHIS YONNE MARIA SHERER BENTO < ALIETTTE MARTINS RIBEIRO, IRMÃ CECILIA IVONE RIGO E CAIRO MOREIRA PINHEIRO



Da Esquerda para a direita: Professora Yonne Maria Sherer Bento Vice Presidente ACANDHIS, Aliette Martins Ribeiro Secretária da ACANDHIS, Irmã Cecília Ivone Rigo Acadêmica e Caio Moreira Pinheiro. Coordenador da ACANDHIS

A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para frente. ”

Kierkegaard

“A. história nasce e perpetua-se na alma e tradição de um povo. É tão sagrada quanto sagrada é a vida! Perpassa o tempo e o espaço ilustrando cada instante como um novo desafio, uma nova aprendizagem e um novo capítulo no seu vir a ser. O Historiador Cel. Cláudio Moreira Bento, como aluno do CFNSA- 1938-1944 já despontava como um ‘historiador de vocação em potencial’. Suas obras apresentam a riqueza de novas descobertas na releitura do passado que, transformadas em herança no presente, projetam o futuro. Hoje é, indiscutivelmente, um descortinador dos fundamentos da história que dá sentido a vida de nossa terra e nossa gente.”

Sempre é muito gratificante falar sobre o trabalho de um autor como o Cel. Claudio Moreira Bento, que sabe expressar seu incontestável talento não só com os recursos que lhe faculta a inteligência, mas também com os sentimentos que lhe saem do coração.

Nesta frutuosa obra literária, o autor consegue reportar- -se a épocas remotas, revivendo personalidades, fatos e sabedoria popular, que sempre serão úteis conhecer em determinadas ocasiões de nossas vidas; volta a um passado bem longínquo, desde a criação da Freguesia N^a. Sra., da Conceição de Canguçu, criada em 31 de janeiro de 1812 pelo Príncipe Regente D. João de Portugal no Brasil; destacada a insigne visita do Bispo do Rio de Janeiro à Freguesia de Canguçu em 1815 e retrocede um pouco, quando se refere aos primitivos moradores aos primeiros batismos, pelos idos de 1800 - 1813. Por ai segue o escritor, pondo à disposição do leitor, revelações e ensinamentos históricos surpreendentes. Retratando Canguçu no Centenário como Freguesia, o historiador faz um relato muito interessante sobre as casas comerciais da época, relembra as famosas cacimbas, principais fontes de abastecimento de água em Canguçu e enriquece seu trabalho com memoráveis fotografias de ambientes e casarões daquele tempo. Seguindo, chega a tempos não tão distantes, pondo à vista a foto da casa de seus Pais, Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento, prédio onde

nasceu e viveu sua infância e parte da adolescência.

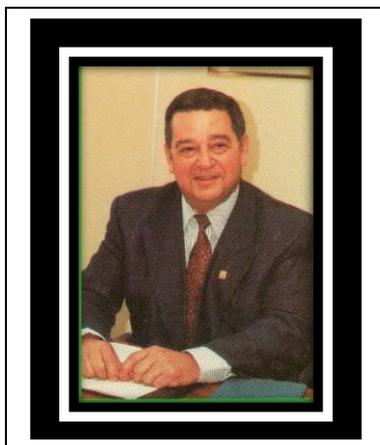
Muito original é o pensamento do escritor quando declara haver sido um 'ressuscitador de centenas de pessoas' e almeja ser recebido festivamente por todos aqueles aos quais em sua obra literária deu vida, não poupando esforços para reviver suas memórias”.

Queira Deus, que sempre haja alguém que diga ou escreva algo que precisamos ouvir ou ler. E, aqui está o nosso escritor, historiador insigne, Cláudio Moreira Bento, colocando ao nosso alcance todo o seu talento, para que tenhamos o privilégio de melhor conhecer a história de Canguçu, nossa amada terra.”

Em nome da ACANDHIS os seus Acadêmicos Yonne Maria Sherer Bento, Aliette Martins Ribeiro, Irmã Cecília Ivone Rigo e Cairo Moreira Pinheiro

Canguçu, dezembro de 2011

APRESENTAÇÃO DE MEU LIVRO CANGUÇU 200 ANOS POR MEU AMIGO CEL OMAR LIMA DIAS PRESIDENTE DO GBOEX



Cel Omar Lima Dias Presidente do GBOEx

Honrado com o convite formulado pelo meu prezado amigo, Cel Cláudio Moreira Bento, para prefaciar sua importante obra "**Canguçu 200 Anos**", que decorre de um acalentado sonho seu, uma homenagem ao berço natal, não poderia deixar de externar a profunda preocupação que me avassala, por poder não estar à altura de tão ambicionado intento.

Acompanhei, desde muito jovem, como colega de Cláudio, na antiga Escola Preparatória de Porto Alegre, quando ambos ingressamos juntos, em memorável ocasião, a sua lenta, porém contínua ascensão na esgremidura do saber e das letras. Lá naquelas iluminadas e saudosas arcadas centenárias, era comum se ver grupos de jovens colegas, sentados ou acorados em torno de Cláudio, ouvindo as pequenas, breves, mas cultas narrativas de fatos do cotidiano ou do passado de sua terra natal.

Vi Cláudio, em voejos mais altos, nas pégulas da Academia Militar das Agulhas Negras, dissertar para seus amigos, fatos pouco conhecidos das narrativas dos acontecimentos histórico-militares que extasiavam as mentes patrióticas e sonhadoras dos cadetes de então. Dissertava, com elegância, propriedade e

profundo saber, sobre pessoas e atos dos lances mais destemidos da história pátria, trazendo emanações do heroísmo passado e das realizações titânicas de nossos avós.

Posteriormente, após a realização dos mais importantes cursos de nosso Exército, acompanhei os trabalhos de Cláudio, seja na escrita ou na pesquisa histórica, direcionados cada vez mais a trazer ao lume do conhecimento os intrincados acontecimentos e feitos do passado, tão necessários ao resgate do valor da cidadania e da vida castrense.

Cláudio impôs-se, de imediato, à consideração de seus contemporâneos pela erudição de seu trabalho, calcado em pesquisa séria, em análise de dados decorrentes de seleta coleta de informações, e em labor profícuo, em tomo dos fatos que ficaram muitas vezes à margem dos estudos dos que nos antecederam.

“**CANGUÇU 200 Anos**”, não deriva para outros rumos, no que tange às características marcantes das obras de Cláudio. O autor, ao pesquisar sobre os fatos da terra natal, traz com sua elaboração técnica e narrativa elegante, toda a ternura que envolve seus sonhos de criança e a reverência familiar e social que permanece indelével em suas recordações mais sentidas.

A obra é iniciada com um bosquejo histórico sobre a fundação de Canguçu, particularmente abordado os pró domos referenciais das grandes decisões emanadas do Tratado de Santos Ildefonso, de 1777.

As decisões de além-mar, com os consequentes périplos das elites avoengas, na dissertação de Cláudio, ficam muito bem expressas quando narra as ações militares, ao sul do Brasil, onde se inserem as criações das capelas de Canguçu, Caçapava e Encruzilhada, origens de municípios tão importantes

Da forma hábil, o discurso narrativo de Cláudio vai ser desenvolvendo através das efemérides locais, por donde ficaram evidenciados os fatos históricos de Canguçu, bem como o realce das personagens formadoras dos contextos da evolução sócio-econômica da localidade. Ao longo dessa exposição vêm, à tona, passagens de profundo reconhecimento aos vultos importantes daquela comuna, dentre os quais seu saudoso pai se sobreleva.

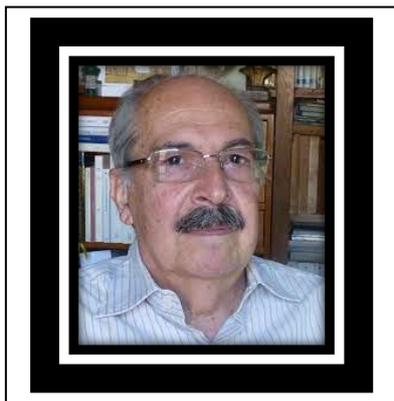
Com chave de ouro, Cláudio encerra sua narrativa com o desvendamento para os leitores da lenda da Pedra das Mentiras, local de importante refrega por ocasião da Guerra dos Farrapos, evento histórico, em que os filhos de Canguçu foram partícipes heróicos.

Assim, ao dizer a todos que Cláudio lança mais uma obra, sinto-me irmanado, de forma muito próxima a esse amigo que trouxe para o mundo, nos pés a poeira das estradas de Canguçu e nos olhos a luz das estrelas do céu tão azul de nosso Rio Grande.

Cel Omar Lima Dias

Chefe do Estado-Maior da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada em Pelotas

PREFÁCIO DE MEU LIVRO EM CANGUÇU VELHO - CANGUÇU RS A SEDE DA REAL FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO DO RINCÃO DO CANGUÇU 1783-1789, PELO HISTORIADOR FERNANDO O. M. O'DONNELL DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA-RS E DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL.



Dr. Fernando O'Donnell do Conselho Estadual de Cultura e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e da Academia Rio Grandense de Letras

O Historiador Coronel Cláudio Moreira Bento tem seu nome ligado a importantíssimos trabalhos no campo da História, ciência cuja dinâmica, definida por Cícero na fórmula “Verus testis temporum”, deve-se ao choque de versões alimentadas ora pela revelação de novos elementos materiais, ora pela reinterpretação com base em seus aspectos formais. Neste plano de constante atualização é que um verdadeiro historiador, isto é, o peregrino que não descansa enquanto não encontra a verdade nem teme as agruras da polêmica, dá forma e transmite as suas descobertas. Evidente que tudo isso passa por um processo de depuração até que possa vir a lume sob o selo particularíssimo de uma espécie de sanção espiritual.

Possuidor dessa bagagem, a qual domina à maravilha por méritos reconhecidos e consagrados em razão de sua profícua e opulenta produção intelectual, o autor desta plaqueta enfrentou com galhardia o tema que ela esclarece em definitivo, reconstituindo, assim, todas as etapas da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu.

A pesquisa que se coroou com as palmas do mais completo acatamento dos estudiosos devotados aos assuntos históricos, teve seu início em 1970, quando o autor, ao se debruçar sobre aspectos da fundação de Canguçu, sua estremecida terra natal, teve a atenção voltada para o local denominado Canguçu Velho, que Simões Lopes, doze lustros antes, havia apontado como tendo sido a primeira redução jesuítica do Rio Grande do Sul.

A luva fora lançada; a partir daí, o ilustre filho de Canguçu não mais se furtou ao desafio. Começou por pesquisar no Seminário Jesuíta de São Leopoldo, de onde saiu com a informação de que aquela versão era falsa. Sem esmorecer, continuou a enriquecer-se de indícios favoráveis à sua tese, até chegar à convicção de que o local apontado havia sido a sede da Real Feitoria. Reforçou-lhe a certeza a descoberta de um mapa do terreno dessa instituição no acervo pertencente à Biblioteca Nacional. No entanto, os opositores de sua tese, contestando as evidências hauridas de fontes primárias, recorreram ao Egrégio Conselho Estadual de Cultura/RS com a tese de que a Feitoria teria existido na Ilha do mesmo nome. Embora a manifestação daquele Sodalício, acesa manteve-se a polêmica com base em outra localização aleatória da sede da Real Feitoria, indicando ser a mesma situada “no Continente, em Pelotas”. Deixando que tal contradita continuasse a hostilizar seu ponto de vista e que viesse a

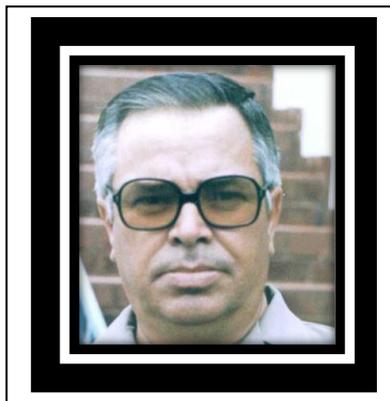
amparar-se em provas documentais convincentes, Cláudio Moreira Bento reuniu à exaustão farta documentação sobre o tema num dossiê de 323 páginas indexadas e o apresentou ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, do qual recebeu confirmação pelo Ofício nº 124/97, de 24 outubro de 1997. Na mesma ocasião, o escritor e historiador Carlos Reverbel, por meio de carta, transmitiu-lhe a sua adesão.

É lógico que todo esse esforço resultou em grande e original contribuição às histórias do Brasil, do Rio Grande do Sul, de Canguçu e, mesmo, de Portugal, mormente por ter resgatado das espessas camadas do tempo e trazido, assim, ao sol da verdade histórica uma referência que estava a exigir demonstração e ser reescrita com tintas indelévels, por sua certeza e honestidade.

E este, precisamente, é o presente trabalho de Cláudio Moreira Bento, em cujas correção e beleza se confirma, mais uma vez, como sempre, o elevado grau de saber de um dos maiores incentivadores culturais e historiadores castrenses que nosso País tem conhecido, reconhecido e proclamado em todos os tempos. Lê-lo é uma forma de valorizar quem tem se dedicado à ciência da História e a tem engrandecido com o brilho de um talento invulgar e de uma tão gloriosa trajetória.

Fernando O. M. O'Donnell do Conselho Estadual de Cultura/RS e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

MINHA INTRODUÇÃO EM MEU LIVRO MINHAS MEMÓRIAS INFANTIS EM CANGUÇU RS



O autor

Ao sermos empossado acadêmico da Academia Barra-Mansense de História, em 30 de outubro de 2006, na cadeira Marechal Floriano Peixoto, lá tomei conhecimento do assunto História do Cotidiano.

Então decidi recordar eventos de minha infância e meninice em Canguçu, no período 1931-1944, como uma História do meu cotidiano, para servir de comparação ao cotidiano infantil das atuais e futuras gerações de canguçuenses.

Da infância e meninice de meus pais muito pouco conheci, e nada de meus avós.

Recordar com colegas o cotidiano infantil de nossos pais, pouco conseguimos saber das circunstâncias de suas infâncias e meninices.

Lembro que meu pai contava de sua infância na Barra de Rio Grande onde testemunhou, aos cinco anos, a entrada na barra de parte da Esquadra Revoltada, o

desembarque de mulheres de soldados famintos invadindo quintais arrebanhando tudo que havia para comer.

Outra lembrança foi a de ter entrado numa tampa de baú e inadvertidamente a mesma ir saindo em direção à barra, até que foi socorrido por pescadores que acudiram sua mãe desesperada!

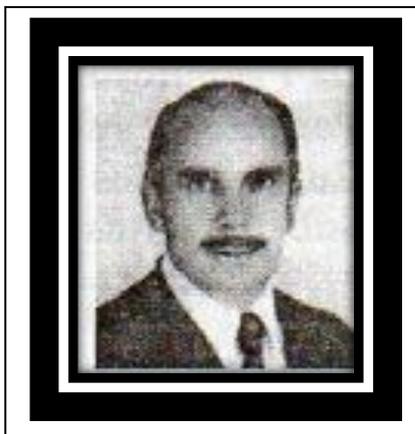
Já menino, lembrava o incidente numa fazenda na Estação Cerrito, a qual foi administrada por seu pai. Ele possuía cerca de 12 anos e ao tentar laçar teve seus dedos presos no laço esticado entre o boi laçado e o cavalo.

Creio que sua infância foi muito feliz na Barra do Rio Grande, em Itapuã e na fazenda em Cerrito, administrada por seu pai, antes deste ser eleito vice-intendente de Canguçu em 1905.

Pois com freqüência recitava para nós esta poesia de Raimundo Correia, a qual foi colocada em sua lápide, na entrada do cemitério de Canguçu - à esquerda, por sugestão creio de sua filha Carmem Bento Viana e ora retirada para a reforma do túmulo que pretendo um dia ocupar, mas não tenho pressa!

“Oh que saudades que eu tenho.
Da aurora da minha vida.
Da minha infância querida!
Que os anos não trazem mais.”

MEU COMENTÁRIO EM CARTA AO LIVRO CERRITO RS - RAÍZES DE NOSSA HISTÓRIA, DE GENES LEÃO BENTO (IMPORTANTE)



Genes Leão Bento, ex Prefeito de Cerrito-RS 1969-1972 e 1977-1982

Resende, A Cidade dos Cadetes, 29 de setembro de 2005

Prezado e ilustre parente
Genes Leão Bento

Foi com grande prazer que recebi seu precioso livro **Raízes de nossa História, com** fraternal dedicatória em nome dos Bentos de Cerrito, descendentes de meu tios bisavós i Carlos Frederico Lecor Bento e de Thomazia Vaz de Bragança Este filho do Alferes Antônio Joaquim Bento e de Cecília Matos de Guimarães Bento e Thomasia filha de Jose Joaquim Vaz de Bragança, natural de Bragança, Portugal e de Manoela de Souza Vaz, filha (açorianos da ilha do Faial.e nascida em Rio Grande).

Por informações colhidas com nosso parente Adail Bento Costa conheci que o pai de Carlos Frederico Lecor e de Antônio Joaquim Bento veio de Portugal integrando a Divisão de Voluntários Reais, ao comando do General Carlos Frederico Lecor e mais tarde Visconde de Laguna, com a missão de incorporar o atual Uruguai, ao Brasil, como Província Cisplatina, o que teve lugar de 1825/28. E que, ao final da Guerra Cisplatina 1825/28 o Uruguai se tornou independente do Brasil, como República do Uruguai, Lecor que comandava então o Exército Brasileiro que lutava no Sul, foi desmobilizado em Piratini ,ainda distrito de Rio Grande e ali se fixaram muitos militares e inclusive meu trisavô que ali casou com Cecília de Guimarães, filha do construtor em 1814, da primitiva igreja c Piratini e que ali havia construído o seu primeiro moinho, que deu origem ao arroio do Moinho, existente naquela localidade. Daí concluir que o nome de Carlos Frederico Lecor Bento foi uma homenagem ao General de mesmo nome de seu comandado e meu trisavô Alferes Antônio Joaquim Bento que consta no jornal farrapo **O Povo**, como o primeiro professor de Alegrete e nomeado pelos farrapos. Em 1828 por ocasião do combate do Rio Pardo encontrei referências aos Bentos que ali possuíam olaria. E como foram parar em Pelotas em Piratini não tenho informações. Talvez pelo casamento com duas Vaz de Bragança Meu bisavô Antônio Joaquim nasceu em Pelotas em 1835 e não sei como e onde estudou para ser, com cerca de 22 anos nomeado em 1857, professor régio de meninos do então criado município de Canguçu. Ouvi falarem na existência em Cerrito do Solar dos Bento. Existe ainda? Agradeço as anotações elogiosas sobre este seu parente e descendentes em seu livro que preserva as raízes da História de Cerrito e de certa forma também de Pedro Osório. Obra esta em que se encontra com seu padrinho Genes Gentil Bento preservador da História de Canguçu em 1912, no centenário da Freguesia , ao solicitar que o hoje consagrado escritor J.Simões Lopes Neto levantasse com seu apoio administrativo como intendente e com informações da História de Canguçu então publicada na **Revista do Centenário de Pelotas em** n° 4, em 1912. Aliás trabalho que se esgotou e que foi preservado por meu pai Conrado Ernani Bento por 44 anos , para me servir então como base de para : para escrever a História de Canguçu que traduzi no livro **Canguçu reencontro com a** História, que lamentavelmente não chegou ao conhecimento do prezado e ilustre parente que pretendo reeditá-lo, pois o possuo em meu computador.

Meu pai preservou outros documentos e fotos sobre a História de Canguçu razão de em seu centenário em 13 de setembro de 1988, eu haver fundado a Academia Canguçuense de História da qual ele é o patrono. Instituição que nestes 17 anos muito realizou pelo resgate e divulgação da História de Canguçu. E o prezado parente faz trabalho de preservação da História de Cerrito em seu livro em cuja bibliografia colocou livros nossos e registrou o singelo apoio que lhe prestamos em informações reunidas por meu pai que revelava sempre um grande apreço pela terra e gente serritense, talvez transmitido por seu pai que daí foi enviado como vice e intendente de Canguçu em 1905, quando iniciou sua bela carreira política ,que culminou sendo secretário do Presidente Borges de Medeiros e cujos arquivos que organizou os resgatei e se encontram como José Moreira Bento e aos cuidados de sua esposa Yonne Maria Sherer Bento que o tem como seu patrono na Academia Canguçuense de História da qual é a vice presidente.

Muito aprecie, pela sinceridade, modéstia e despretensão e amor a terra serritense

e a sua família que demonstra o amar, a riqueza espiritual de suas palavras na Introdução em que revela a grandeza de sua alma cristã e a preocupação de revelar o que sabe das raízes de Cerrito, para que não sejam esquecidas e mais do que isto desenvolvidas pela futuras gerações cerritenses as quais sugere que continuem a regar aquelas raízes, como as encontrei em Canguçu, nas quais irão encontrar as profundas raízes capazes de convencer os cerritenses, rio grandenses e brasileiros de que Cerrito, como Canguçu, participaram da adoção da República no Brasil que despertou no combate do Seival em 10 de setembro de 1836, vitória que criou condições no dia seguinte no Campo do Menezes para a Proclamação da República Rio Grandense, eventos históricos que contaram com a participação de cerca de 1/4 de cerritenses que compunham a Brigada Liberal de Antônio Netto, lado a lado, ombro a ombro, com 1/4 do distrito sede de Piratini. 1/4 do distrito de Canguçu e 1/4 do distrito de Bagé até o Pirai. Esta é a verdade histórica esquecida. E muitas outras importantes que gerações anteriores não perceberam e que Cerrito poderá deduzir de meus estudos desde 1956, sobre a História de Canguçu.

Um deles seria o esquecido forte de São Gonçalo erigido pelo General Gomes Freire de Andrade na margem esquerda do rio Piratini, e próximo de sua foz no Canal São Gonçalo, assim batizado em razão deste forte ter sido construído destinado a apoiar a marcha do Exército Demarcador com destino aos Sete Povos e em torno do qual foram erguidas as primeiras charqueadas gaúchas, como demonstro e mapa de 1784/88 que reproduzi trecho e que publiquei em meu livro **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul em 1975**, p.185. Cerrito foi fronteira com a Espanha de 1777/1801, durante 24 anos pelo Tratado de Santo Ildefonso. O Cerro Pelado foi uma base de guerrilhas para vigiar os espanhóis no período 1763/1776 em que eles dominaram a Vila de Rio Grande e assim da leitura de nossas obras Cerrito poderá cada vez mais conhecer e orgulhar-se de suas raízes, pois muitos fatos aí ocorridos foram confundidos como em Jaguarão então conhecido como Cerrito do Jaguarão, ao invés de Cerrito do Piratini.

Envio a mais um Bento historiador e memorialista meus livros **8ª Brigada de Infantaria Motorizada -Brigada Manoel Marques de Souza 1º e Hipólito da Costa -o gaúcho fundador da Imprensa Brasileira** que trazem informações úteis a História de Cerrito, por focalizar Marques de Souza que aí foi sesmeiro e Hipólito da Costa que viveu em Capão do Leão atual.

Genes Gentil Bento, antes de ir para Canguçu em 1905 administrou uma estância aí em Cerrito, saberia o parente onde era e o que existe hoje no local

Sem mais com apreço e amizade fraternal, meu abraço por seu intermédio a todos os Bentos descendentes de meus tios bisavós Carlos Frederico Lecor Bento e Maria Thomazia Vaz de Bragança.que passei a identificar pela árvore genealógica que organizou

Em tempo; Recebi informação de família que um irmão de Antonio Joaquim Bento —Joaquim e Carlos Frederico Lecor Bento e funcionário público em Porto Alegre, ao visitar sua tia, irmã de sua mãe Cecília Matos de Guimarães que era esposa de Vicente Ferrer de Almeida, (que foi o primeiro funcionário da Câmara de Canguçu em 1857) teve uma relação como uma escrava de sua tia nascendo Otávio Almeida, origem de distinta família afro descendente de Canguçu, cujos filhos foram José Almeida que chegou a ser vereador, Armando Almeida que foi dono do único quiosque de Canguçu de meu tempo de menino e mais Anselmo Almeida. Em realidade Otávio e seus

descendentes são Bento e não Almeida, o que hoje o DNA pode comprovar. Vicente Ferrer de Almeida - casado , com uma irmã de Cecília, mãe de Carlos Frederico Lecor, é trisavô de Odilon de Almeida Mesko , por sua vez casado com uma trineta de Antônio Joaquim Bento. E foi o casal Vicente Ferrer e esposa que abrigaram o professor Antônio Joaquim Bento antes de seu casamento com Izabel Vaz (de Bragança) Bento. Estou enviando em disquete alguns subsídios de interesse que poderão ser impressos. O mesmo.

MEU PREFACIO DO LIVRO DIGITAL SINTESE DAS ATAS DA ACANDHIS DA ACADÊMICA MIRIAM ZULEICA REIS BARBOSA



Professora e Historiadora Miriam Zuleica Reis Barbosa

Foi com muita satisfação que vi concretizado este projeto de resgate de síntese das Atas de sessões da ACANDHIS durante seus 30 anos de profícua existência, o qual com o concurso da inteligência artificial será disponibilizado em Canguçu-RS em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, que fundei e presido. Site criado e administrado por meu filho, Capitão de Mar- e- Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, também historiador naval e instrutor de navegação na Escola Naval. Trabalho que atendeu a nosso pedido a historiadora e acadêmica Miriam Zuleica Reyes Barbosa e por ela ilustrado com fotos de álbuns sobre a história da ACANDHIS, colecionadas pela acadêmica Vanja Rocha Wiskow. Sínteses revisadas pela acadêmica secretária Alette Martins Ribeiro, autora da maioria das atas que foram lavradas com muita precisão. Trabalho este que complementamos com as legendas das fotos e notas esclarecedoras visando enriquecê-las. As sínteses retratam o ocorrido durante os 30 anos de existência da ACANDHIS. Este trabalho como livro virtual, será acessível a qualquer computador ou smartphone na rede mundial ao leitor ou pesquisador interessados, em especial aos canguçuenses que poderão consultar cópias Xerox dos livros de Atas originais na ACANDHIS, Biblioteca Clóvis Rocha Moreira ou na Biblioteca do CFENSA, porém, devem ser preservados, intocáveis, os livros originais contendo as Atas. De longa data sonhava restaurar a perdida História de Canguçu que, como historiador de vocação, ainda aluno do CFNSA, a procurava e não a encontrava, julgando haver nascido num município marginal e sem História, porém, conhecido na crônica policial em Pelotas e

Bagé como terra de bandidos.

Ao sermos declarado, em 15 de fev 1955, Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia do Exército, ao qual sirvo como profissional e historiador militar a 68 anos, iniciamos a pesquisar a História de Canguçu com vistas às comemorações do centenário, no qual pouco ou quase nada se revelou de sua História e o pior, foi o extravio dos relatórios anuais dos Intendentes de Canguçu (1889/1929) que foram retirados da Biblioteca Pública de Rio Grande para que o Dr. Oswaldo Müller Barlém, Juiz de Direito em Canguçu, para que fizesse o discurso alusivo ao Centenário. Com sua morte repentina em Piratini, os citados relatórios não retornaram a Biblioteca de Rio Grande, perdendo-se preciosas fontes primárias de cerca de 40 anos, relativas a República Velha em Canguçu. E prosseguimos neste intento, como a procurar uma agulha num palheiro, com vistas à produção de meu primeiro livro sobre Canguçu intitulado: **Canguçu reencontro com a História, um exemplo de reconstituição da memória comunitária**, que só foi publicado em 1983 pelo Instituto Estadual do Livro, sendo Secretário da Cultura do Rio Grande do Sul, o hoje patrono de cadeira na ACANDHIS, Luiz Carlos Barbosa Lessa e que o prefaciou. Dos originais de **Canguçu reencontro...** em dois densos volumes e até hoje pouco explorados, foram distribuídas cópias a diversas entidades, o que abordo na apresentação do citado livro e na sua reedição em 2007. Esta com capa de autoria de meu filho Capitão de Mar- e -Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Em 1973 tendo sido empossado acadêmico da Academia Brasileira de História, em São Paulo, presidida pelo Mestre Dante Laytano, o qual me recebeu falando na História de Canguçu, tivemos sua aprovação no sentido de criar em Canguçu a Delegacia de Canguçu da Academia Brasileira de História, cabendo a função de Delegada a saudosa Irmã Firmina Simon e integrada pelas professora Laedi Bachini Bosembecker e Marlene Barbosa Coelho e pelo radialista Jesus Marques Pereira que desde 1970, Centenário da Guerra do Paraguai, me ajudava através das rádios Liberdade e Cultura a levar a História ao conhecimento do povo de Canguçu. Marlene Barbosa Coelho, por esta época, liderou um grupo chamado **Flor do Lácio** que começou a pesquisar Canguçu e a Guerra do Paraguai. Esta Delegacia, com o apoio do Prefeito Gilberto Moreira Mussi, promoveu a 1ª Semana Cultural de Canguçu no ano de 1978, o que a Irmã Firmina me relatou e que preservei nos originais de Canguçu reencontro com a História citados. Foi o renascimento cultural de Canguçu, adormecido desde a Revolução de 1893 que dividiu as famílias canguçuenses. Em 13 de setembro de 1988, centenário de meu pai, cujas fontes da História de Canguçu que colecionava me ajudaram a escrever **Canguçu reencontro com a História...** fundamos ACANDHIS, destinada a pesquisar, preservar e divulgar a História de Canguçu. A ACANDHIS, a considero segundo define o dicionário, “um lugar de recordações memoráveis eternas”, que suas Atas registram e de igual forma seu precioso acervo de livros e arquivos, bem como a memória de seus acadêmicos que comigo enfrentaram e venceram a tarefa de preservar a história da gente e terra canguçuenses; sem esquecer a original e pioneira decoração com fotos históricas nas paredes da ACANDHIS, idealizada pela arquiteta Alice T. Parode, com a supervisão e aprovação da vice-presidente Yonne Scherer Bento, que também mandou reformar o mobiliário doado por acadêmicos e pela comunidade, o que as ilustrações das sínteses documentam. Em 1957 não existia nenhum livro que abordasse a História de Canguçu, a não ser a **Revista nº 4 do Centenário de Pelotas- Freguesia**, em que João Simões

Lopes Neto publicou um Bosquejo histórico de Canguçu guiado por meus avós Cel. Genes Gentil Bento, então intendente e o Capitão da GN Carlos Norberto Moreira, conforme Simões Lopes Neto registrou em sua reportagem exemplar, que meu pai guardava em seu cofre. Depois chegou ao meu conhecimento que também possuíam exemplares Félix Goulart, pai da acadêmica Ceres de Rosa Goulart e Hugo Nobre do Nascimento. Em 1933 meu pai publicou um relatório em que a parte histórica foi escrita por Longin Von Hausen tendo com foco na Revolução de 93, seguramente por influência do irmão do Coronel da GN Maneco Pedroso que escapara do Cerco do Rio Negro e do qual foi assessor quando este foi intendente em Piratini. A partir daí publicamos os seguintes livros especificamente sobre Canguçu, afora referência a Canguçu na minha bibliografia sobre a História do Rio Grande do Sul: **Canguçu reencontro com a História...** 2 edições, **Canguçu – 200 anos, Os 200 anos da Igreja Matriz N. Sr^a. Da Conceição de Canguçu 1800-2000.** Real Feitoria do Linho **Cânhamo do Rincão de canguçu 1783-1789**, 2 edições, **Centenário de Conrado Ernani Bento, Minhas memórias infantis, Dos Lemes da Ilha da Madeira aos Matos, Moreiras Bentos de Canguçu, Bicentenário da Freguesia de N. Sr^a. Da Conceição de Canguçu** e números artigos; hoje todos estes trabalhos estão disponíveis no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br . E prefaciamos os seguintes livros: **Canguçu primitivos moradores, primeiros batismos** da ex professora do Grupo Escolar Irmãos Andradas Ilka Guittes Neves, grande genealogista. **Canguçu um novo olhar**, organizado pela Irmã Cecília Ivone Rigo com a participação de um grupo de professoras respondendo a nosso desafio e onde se destaca a historiadora didática de Canguçu, Laedi Bachini Bosembecker; e mais, **Era uma vez em Canguçu**, quando as crianças faziam arte de Eloah Moreira Morales do Nascimento, minha prima irmã, patrocinado pela Rádio Liberdade, pelo hoje acadêmico Dr. Sebastião Ribeiro Neto. Prefácios disponíveis em site da FAHIMTB. Clóvis Rocha Moreira, nosso primo, escreveu **João Gancho** e **China Velha**; João Gancho prefaciado pelo acadêmico Carlos Eugênio Meirelles e que mereceu de minha parte comentário disponível em Canguçu RS, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB. Livros cujos exemplares preservávamos no Arquivo Conrado Ernani Bento. São livros escritos por canguçuenses ou referentes à Canguçu: **Pálidos traços da História de Canguçu, Alauê, Marcas de uma época e Meu Recado**, da acadêmica Céres da Rosa Goulart Da acadêmica Laedi Bachini Bosembecker os livros didáticos do CFNSA, **Conhecendo Canguçu** – 2 edições, livro que comentei e hoje disponível em Canguçu-RS, no site da FAHIMTB. **Genealogia da família Puente**, obra do acadêmico Géder Luís Goularte Barbosa: **Domingos José de Almeida- Um marco na História do Rio Grande do Sul**, Anais do 1º Seminário de História e *Maçonaria e Abolição da Escravatura no Sul do Brasil*, da professora Carmem Gessilda Burguet Schiavon. **Homeopatia Ciência Divina**, escrito pela Dra. Dilza da Silva Boemeke. **João Antônio Saraiva- Um bravo republicano**, escrito por Antônio Saraiva: **A Força do Espelho**, da acadêmica Auta Sirlei Barbosa de Oliveira: Da acadêmica Maria Helena Fonseca Rodrigues: **Nas ruas da vida a vida nas ruas**,(org) com o concurso de seus alunos do Curso Normal do CFNSA. Maria Helena é neta do ilustre casal Antônio (Antonico) Valente e Leontina Aguiar Valente, esta prima irmã de Conrado Ernani Bento e de Isaura Duarte Rodrigues e tetra neta, como muitos canguçuenses, do 1º Professor de Canguçu, em 1857, o professor Antônio Joaquim Bento. Do acadêmico Nilso Pinz: **A colonização Pomerana**

em Canguçu, que foi reforçada pela palestra na ACANDHIS de Diuly Pereira Rutz: **Colonização Açoriana- Arte de costurar, Arte de remendar**. O livro **Querer + Ação = Poder**, escrito pelo sócio efetivo Adão Coelho da Silva. A freira Franciscana filha de Canguçu, Irmã Ida Therezinha Ceron, em visita a ACANDHIS anunciou que estava escrevendo um livro. Por fim, o jovem escritor e sócio efetivo da ACANDHIS, André Pereira da Silva, escreveu quatro livros, os quais não tive o prazer de ler. A Rádio Liberdade preserva os originais das inspiradas crônicas do acadêmico Lúcio Newton Meirelles Prestes, as quais sugiro poderiam ser digitalizadas e integradas ao site da Rádio Liberdade; aliás, consegui resgatar da Rádio Liberdade a bela crônica do Tenente Noguês alusiva ao falecimento de meu pai Conrado Ernani Bento, hoje Patrono da ACANDHIS, a qual está disponível em Canguçu RS, em Livros e Plaquetas no citado site da FAHIMTB. Uma grande contribuição coletiva para a História de canguçu foi a **Revista dos 200 anos de Canguçu**- 1º de janeiro de 2000, comemorativa dos 200 anos de Canguçu, 500 anos do Descobrimento do Brasil e do ingresso no 3º milênio. Nela colaboraram com assuntos históricos diversos 47 colaboradores: acadêmicos, ex-prefeitos, um vereador, o tabelião, radialistas, esportistas, etc... que estão relacionados nas abas da Revista, a qual a ACANDHIS possui um grande número disponível. Tivemos a revelação de um grande poeta da Vila dos Campos, Sabino Campos. O Hino de Canguçu de autoria do acadêmico Carlos Eugênio Meirelles e muitas poesias da inspirada poetisa Irmã Cecília Ivone Rigo e agora este livro da historiadora de vocação e formação, acadêmica Miriam Zuleica Reyes Barbosa, sintetiza os livros de ATAS redigidas, em sua maioria, pela acadêmica Aliette Martins Ribeiro, ao substituir as primeiras redatoras, as acadêmicas Vanja Rocha Wiskow e Marlene Barbosa Coelho; livro que contou com nossa contribuição colocando legendas nas fotos e sempre que necessário colocando notas ao texto. É da acadêmica Miriam Zuleica Reyes Barbosa o rico Blog: De Cangussu a Canguçu- Muitas Histórias, ou de Cangussu (1800-c1940) a Canguçu (c1941- atualidade). Ou cerca de 140 anos de Cangussu e 78 anos de Canguçu. A História de Canguçu está perenizada em Canguçu RS, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB (Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil) que fundei e presido na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende – RJ. Hoje a ACANDHIS possui sede própria, com suas paredes decoradas com fotos de sua História e da cidade de Canguçu e o precioso arquivo Conrado Ernani Bento com sua rica e bela História integrada nas da FAHIMTB e de IHTRGS em todos os meus trabalhos colocados na internet e grande parte do acervo da História do Exército Brasileiro, em decorrência da minha atividade principal de Historiador do Exército há 48 anos. Não posso deixar de registrar o concurso dos **Pontos de Cultura de Canguçu**, feliz iniciativa do Ministério de Cultura implantado pela FURG e sua contribuição para a construção da sede da ACANDHIS, seu aparelhamento e para a revelação de novos valores culturais. Para envolver os jovens em atividades literárias foram realizados quatro concursos literários promovidos pela ACANDHIS e pelo CFNSA em seus tradicionais **ELAs** (Encontros Literários do Aparecida) dos quais tive a grande honra de ser patrono do ELA 2010, do qual guardo foto junto com os alunos premiados. História perdida, que constatei em 1957 e que hoje está restaurada, perenizada e disponível para as gerações futuras com ajuda da Ciência da Informação e Inteligência Artificial; preservá-la, pesquisá-la e divulgá-la, este é o nosso desafio para as futuras gerações de canguçuenses de nascimento e de

coração. A ACANDHIS cumpriu sua nobre missão e o futuro, a Deus pertence! Para concluir, uma reverência ao patrono de Cadeira e acadêmicos falecidos que contribuíram para restaurar, preservar e divulgar a perdida História de Canguçu. Patrono: DR. NILSON MEIRELLES PRESTES , talvez o mais inspirado artista que Canguçu até hoje revelou. Acadêmicos: AMILTON VALENTE DA SILVEIRA A

APRESENTAÇÃO OU ANÁLISE DO LIVRO JOAQUIM ANTONIO SARAIVA UM BRAVO REPUBLICANO DE AUTORIA DE ANTÔNIO SARAIVA



Antônio Saraiva

Análise do Livro: SARAIVA, Antonio. Joaquim Antônio Saraiva, um bravo republicano. Pelotas. Ed. UFPEL, 2005. O livro mencionado é de autoria de Antônio Saraiva, canguçuense nascido na Flórida em 1956, e que reside em Pelotas desde os 17 anos, tendo sido segurança no Frigorífico Anglo e hoje é proprietário no Areal, do Salão Arealense. Em seu livro a base principalmente da História Oral que coletou sobre as revoluções de 1893 e de 1923, atuou o personagem de seu livro em análise e também seu bisavô Joaquim Antonio Saraiva (1851-1951), que faleceu centenário. Em 1893 seu bisavô lutou como governista integrando forças de Canguçu e Piratini, colocadas à disposição do governo do Estado para combater junto com O Exército e Brigada Militar as invasões federalistas na fronteira com o Uruguai. Em 1923 combateu como revolucionário integrando as forças do canguçuense General Rev. Antônio de Souza Neto, patrono de cadeira em nossa ACANDHIS. Seu bisavô era primo em 2º grau dos destacados federalistas Gumersindo e Aparício Saraiva, cujo pai vivenciou em Canguçu a Revolução Farrroupilha, ao final da qual emigrou para o Uruguai, em função das perseguições políticas dos antigos farrapos em Piratini e Canguçu, que só viriam a ter fim em 1893, quando antigos farrapos assumiram o poder político em Canguçu e obrigaram as famílias monarquistas Piegas, Cunhas e outras a migrarem de Canguçu deixando as magníficas construções onde hoje funcionam o Clube Harmonia, a Casa da Cultura, a Secretaria de Cultura ao lado da igreja católica etc. Assunto que abordamos em a Revolução Federalista em Canguçu na **Revista do CIPEL** em 1993. E dentre os republicanos que passaram a liderar Canguçu foram relacionados em carta a nós enviada por Leão dos Santos Terres (Desenho). E entre estes nomes o seu pai Cel Leão Silveira Terres, e os irmãos Franklin Máximo e Carlos Norberto Moreira ligados a fundação do Clube Harmonia, para harmonizar a família canguçuense seriamente dividida pela Revolução de 93. E os três citados hoje patronos de cadeiras em nossa ACANDHIS. Depois de muitos anos chegou a Canguçu, descendente de Basílio Saraiva, um dos irmãos de Gumersindo, o jovem Basílio Saraiva que aqui casou com

Miriam Sherer Bento, filha de José Moreira Bento e Yonne Maria Sherer Bento. Como este mundo dá voltas! Mas a saga do centenário Joaquim Antonio Saraiva teve início ao saber que o seu pai Manoel Saraiva, fora assaltado, roubado e morto no passo de Waldez, bem como seus peões, para lhe roubaram apreciável quantia soma de dinheiro que ele levava para depositar no Banco Pelotense, defronte ao antigo Mazza. Em razão da inação de justiça Joaquim Antonio, segundo o autor Antonio Saraiva, depois de procurar sem solução, que ela atuasse, resolveu fazer justiça com as próprias mãos. A viúva de seu pai ordenou aos 4 filhos que eliminassem o matador de seu marido o que ocorreu pelas mãos do irmão mais velho, Antonio Joaquim, no Passo do Arroio com um tiro certeiro. E a vida de Antonio Joaquim mudou para pior em função desta justiça com as próprias mãos, o que fez dele um procurado pela justiça. E faltavam ainda três 3 bandidos vivos envolvidos na morte de seu pai. Então ingressou na política em defesa da candidatura de Dr. Julio Prates de Castilhos. E integrou forças civis de Canguçu e Piratini enviadas a fronteira, para depor o governo paralelo de Joca Tavares, e ao comando do General do Exército João Telles, e, depois para combater os federalistas que invadiram o Rio Grande do Sul ao comando de seu parente Gumersindo Saraiva, considerado de justiça, "O Napoleão dos Pampas" . E a moldura da atuação desta tropa, a resgatei na seguinte obra, corrigindo versões que comprometiam a memória histórica do canguçuense Cel Bernardino da Silva Mota e do piratiniense Cel Maneco Pedroso, atribuindo -lhes em telegrama cifrado, que se revelou indecifrável pelos órgãos de segurança das Forças Armadas, as quais o submeti, culpas que absolutamente não possuíram naquele contexto de revolução, que passou a História como A Revolução Maldita, A Revolução da Degola, A Revolução de Bárbaros etc. Eis a obra em que corrijo esta injustiças. BENTO, Cláudio Moreira. **História da 3ª Região Militar 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM. 1995, p. 45 a 69. Este trabalho resgata a real participação até então esquecida ou manipulada das forças de Canguçu e Piratini, na deposição de Joca Tavares que assumira em Bagé a Presidência paralela do Estado, de forma inconstitucional. E dentro deste contexto atuou o biógrafo de Joaquim Antônio, para revelar e balizar em seu livro mais um nome de um canguçuense dela participante Durante a Revolução de 93 tropas civis mobilizadas em Piratini e Canguçu ao comando do Cel Maneco Pedroso foram aprisionadas pelos federalistas no combate do Rio Negro, em 28 de novembro de 1893 e submetidas a degola, circunstância que estudamos com profundidade em pesquisa intitulada **O massacre federalista do Rio Negro em Bagé em 28 de novembro de 1893**. Pesquisa que publicamos e foi remetida a instituições históricas ocidentais, na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Volume 154, nº 378, jan/mar 1993, ocupando 25 páginas, incluindo o depoimento do então Coronel Zeca Netto que participou da Divisão Sul que libertou Bagé dos federalistas após um cerco de mais de 40 dias e, comandando uma brigada. Creio que o ,massacre de canguçuenses e piratinienses em Rio Negro foi de certa forma uma vingança da derrota que piratinienses, canguçuenses, cerritenses e bageenses impuseram em Seival, em 11 de setembro de 1839, ao pai dos federalistas Joca e José Tavares, para os quais e principalmente para o último, se atribui a responsabilidade do massacre do Rio Negro, do qual escaparam o intendente de Canguçu Cel Bernardino da Silva Mota, por estar guarnecendo a bomba da Estação de Candiota e o Cel João Paulo Prestes, vice intendente de Canguçu que tombaria morto em 1923, no combate do Passo do

Mendonça, como revolucionário. Ao término da Revolução de 93, Antonio Joaquim Saraiva retornou a seu lar na Coxilha dos Campos e conheceu os nomes dos três outros bandidos que residiam e em torno da Coxilha dos Campos. E certo dia topou, segundo o autor Antonio Saraiva, com os 3 assassinos de seu pai. E provocado, fingiu retirada, ocupando posição favorável para uma espera dentro do mato. E os assassinos do seu pai, acreditando haver fugido Antonio Joaquim, gritavam, segundo colheu o autor do livro, com apoio em fontes orais colhidas: “Esta Saraivada toda, nós temos que matar!” E foi aí que Antonio Joaquim irrompeu da mata e disparou contra seus três inimigos, tiros certos com o seu HO44 norte americano que usara em 93. Matara dois e o terceiro escapara ferido. A Revolução deixara Antonio Joaquim hábil no manejo de armas e certo no tiro, segundo contam seus descendentes. E aconselhado pela esposa foi a Canguçu a procura de amigos que sugeriram que se homizasse no Cerro da Boneca, próximo a Coxilha dos Campos e de sua família e, no Cristal, propriedade então do Cel Leão Silveira Terres, cujo centenário de falecimento este ano a Academia Canguçuense de História o reverenciou como patrono de uma de suas cadeiras, com a presença expressiva de seus descendentes. Cristal fundado pelo sogro do Cel Leão Silveira Terres e hoje propriedade do casal Leonardo Sedrez de Souza e Doutora Paula Sherer Bento de Souza. E homiziado nestes locais, em especial no mato Generoso no Cristal, ele passou 9 anos difíceis e sempre alvo de batidas policiais e ali afastado de sua esposa e 13 filhos. E para defender-se, segundo seus descendentes, possuía um arsenal de armas em casa. E certa feira, ao passar por um bolicho, viu seu irmão numa briga estar ferido a faca e prestes a receber outro golpe. Ato contínuo sacou seu revólver e atingiu mortalmente o contendor de seu irmão mais novo. A justiça mais uma vez saiu em seu encalço. Para aliviar a pressão passou largo tempo no Uruguai. Retornando residiu longo tempo no Iguatemi. Na Revolução de 23, Antonio Joaquim se incorporou à Revolução de 23, liderada na Serra dos Tapes pelo canguçuense e patrono de cadeira na ACANDHIS, Gen. Zeca Netto, neto de Antonio de Souza Mattos e sobrinho do General Antonio Netto, o vencedor do Seival e do Ten. Cel Honorário do Exército Theóphilo de Souza Mattos, nosso bisavô que comandou o Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu na Guerra do Paraguai, onde se destacaram na conquista do forte de Curuzú. Neste particular o autor agregou muitas boas informações sobre o desempenho da Coluna Zeca Netto e, em especial fotos inéditas sobre a Tomada de Pelotas em 1923 e outras fontes iconográficas originais. Como uma onde aparece a cavalo o canguçuense e patrono de cadeira na ACANDHIS Dr. Walter de Oliveira Prestes. Aliás tema a que nos temos dedicado e explorado com os seguintes artigos: - O general Zeca Netto – traços de seu perfil militar na Revista do Clube Militar jan/fev 1989, também publicado no jornal **Tradição** do MTG, nº 112, 15 maio 1983. - Os 80 anos da tomada de Pelotas pelo General Zeca Netto. **Revista do CIPEL**. Porto Alegre: Ediplat, 2003, p. 149/776. - General Zeca Netto In: **Canguçu – reencontro com a História**. Porto Alegre: IEL, 1983. Merece destaque nesta obra de Antonio Saraiva além do mencionado a sua descrição da vida no campo em Canguçu ao tempo de seu bisavô Joaquim Antonio, a Genealogia da Família Saraiva em Canguçu e cartas do general Zeca Netto, no exílio no Uruguai, aos filhos Zeca e a filha Rafaella. Esta com o nome de sua avó Rafaela Mattos, tia de minha vó Firmina Percília Mattos Moreira, esposa de Carlos Norberto Moreira Sobre a Família Saraiva cumpre destacar que são originários da Colônia do

Sacramento e que de lá vieram para a região do norte de São José do Norte, depois se transferiu para a atual 4ª Zona de Canguçu de onde, depois da Revolução Farroupilha, dali foram descendo até o Uruguai os pais de Gumersindo e seu irmão Aparício, batizados, segundo o último mencionou, na Capela da Vila Freire. Em suma, Antonio Saraiva em seu livro sobre seu bisavô ajuda a esclarecer mais a atuação de canguçuenses e piratinienses nas revoluções de 93 e 23 e fornece dicas para aprofundamentos. Está pois de parabéns, por seu esforço em preservar, pesquisar, cultuar e divulgar a memória coberta pela pátina dos tempos, de seu centenário bisavô. Contribuição que à luz de outras fontes históricas, já disponíveis, ajudará a melhor se escrever a **História de Canguçu**, tarefa relevante a que tem se dedicado desde 1988 os integrantes da Academia Canguçuense de História, o que agora Antonio Saraiva ajuda a enriquecer ao fornecer novos caminhos a explorar .Exemplo para que outros canguçuenses sigam o seu exemplo para que nossa História não venha a ser novamente apropriada ou negada , por outros pesquisadores e descurada e esquecida pelos canguçuense quanto aos seguintes fastos da História de Canguçu. 1- O caminho entre Rio Grande e Rio Pardo as duas primeiras bases militares portuguesas no Rio Grande do Sul , foi o primeiro do interior a ser explorado e atravessando o local onde hoje se ergue a cidade de Canguçu .

2- Coxilha do Fogo e local da cidade de Canguçu que foram bases de guerrilhas de Portugal, ao comando do mais tarde Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, no período 1763/1766 de dominação espanhola da Vila de Rio Grande e do Forte Santa Tecla, após 1774.

3-As terras de Canguçu abrigaram de 1783/89 em Canguçu Velho ,a sede da Real feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu e a pecuária da mesma,

4- Ter sido expressiva a participação de Canguçu na Revolução Farroupilha, “considerado o distrito de mais perigo e mais farrapo” da capital Piratini .

5- Haver Canguçu tido expressiva participação com cerca de ¼ de seus filhos que venceram os imperiais no combate do Seival, em 11 setembro 1836, e apoiado no dia seguinte, a Proclamação da Republica Rio Grandense que durou cerca de 9 anos,

6- Haver sido escrita em Canguçu a História da Revolução Farroupilha e de seus principais líderes pelo Tenente Farrapo Manoel da Silva Caldeira , hoje patrono de cadeira na ACANDHIS, cujos depoimentos escritos foram usados por expressivos historiadores gaúchos, sem terem lhe feito justiça e que nesta época representou Canguçu, em histórica reunião republicana em Porto Alegre e foi candidato a intendente de Canguçu .

7- Haver nascido em terras de Canguçu, então pertencentes ao município de Rio Grande, o Cel Joaquim Teixeira Nunes, hoje patrono de cadeira na ACANDHIS.

8-Jamais existiu em Canguçu Velho uma missão ou redução jesuítica entre os rios Camaquã e Piratini e, sim, entre os rios Icamaguã e Piratini, nas Missões confusão criada por Simões Lopes Neto em.Histórico de Canguçu em 1912 na **Revista do Centenário de Pelotas**,com apoio em um conferencista que assistiu na Biblioteca Pública de Pelotas.

9-Haver Canguçu contribuído com o expressivo tributo de 10% dos mortos gaúchos da nossa Força Expedicionária Brasileira (FEB) ,e que não eram pelo tenses.

10- Significar a palavra Canguçu mato grande, corruptela de Caa = mato e Açú = grande, denominação comum no Brasil como o própria mata que existiu onde hoje se ergue a Avenida Paulista em São Paulo.

11- Haver a filosofia do tradicionalismo gaúcho sido despertada em Canguçu no piratiniense Luiz Carlos Barbosa; Lessa filho de pais canguçuenses, ao conhecer, ler e ser presenteado por sua tia avó viúva Alice Moreira com a Coleção do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul 1889/1917 colecionada pelos irmãos pai e sogro de Alice, os já citados Carlos Norberto e Franklin Maximo Moreira que nele colaboraram.

12 Haver nascido em Canguçu o General Zeca Netto, filho de Rafaela Mattos Netto, e cunhada do General farrapo Antônio Netto. Seu filho Zeca ao chegar a um local, ao ser perguntado de quem se tratava respondia orgulhoso.” Sou o filho de Rafaela Mattos Netto, tal a importância da mesma em sua vida e na vizinhança.Esta última afirmação foi posta em dúvida, a luz de outros elementos surgidos, segundo o acadêmico Moacyr Mattos. E por aqui vamos encerrando esta análise lembrando uns dizeres em placa que eu vi no Museu da República no Palácio do Catete,no Rio de Janeiro, “Ser o passado uma enorme planície onde correm dois rios. Um cheio de curvas, alagamentos, margens irregulares, imprecisas e pantanosas. Este é o rio do Mito, fruto da paixões humanas e políticas, das fantasias, das injustiças, da manipulação da verdade etc. O outro é um rio reto de margens bem definidas e firmes e sem alagamentos Este é o rio da História. E esta fruto da analise isenta de fontes históricas fidedignas, autênticas e integras a luz de fundamentos de critica.” E a História de Canguçu, no passado, por não dispor de historiadores, foi vitima de manipulações de sua História o que temos demonstrado ser muito rica. E entre elas por fontes da Revolução Federalista, cheias de paixão e violência escritas que chegaram a atribuir a Canguçu haver sido palco de violências inomináveis como assassinatos políticos que as fontes históricas confiáveis, que pesquisando registros de óbitos da igreja e do registro civil não confirmaram e não foram rebatidos pelos os que conheciam a verdade, por não dominarem as letras para responder. E assim tentando transformar o Canguçu republicano da Revolução de 93 numa **lixreira da história** , com o que temos protestado em todos os foros históricos do Brasil , o que pode ser confirmado em nossa obra histórica .Foi difícil mas vencemos a parada ! Foi uma vitória demorada, da História contra Mito .Obrigado!

A GUIA DE PREFÁCIO, ANÁLISE DO LIVRO A FORÇA DO ESPELHO DE UM BARBEIRO DE CANGUÇU, DA PROFESSORA AUTA SIRLEI BARBOSA DE OLIVEIRA, ACADÊMICA DA ACANDHIS, PELO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO PRESIDENTE DA ACANDHIS.



Professora e Escritora Auta Sirlei Barbosa de Oliveira

A autora Professora Auta Sirlei Barbosa de Oliveira Foi uma surpresa muito agradável ler o primoroso livro **A Força do Espelho** de autoria da acadêmica Auta Sirlei Barbosa de Oliveira, tendo como homenageado o hoje acadêmico da ACANDHIS Rubem da Rosa Ferreira. Este, um historiador popular que transmite oralmente a História de Canguçu, em especial aos frequentadores de seu concorrido salão de barbeiro. Salão rodeado de fotos históricas de Canguçu. Aliás uma justa homenagem a ele prestada! Auta Sirlei dedica seu livro de maneira amorosa a seu filho Tibiriçá Santos Oliveira, e nele registra a vida de Rubem Rosa Ferreira seu velho amigo “A quem soube me conduzir pelo doce caminho das histórias.”

E abre seu livro com a inspirada poesia Barbearia de Campanha da dupla de Bino Pires Érlon Péricles. ‘ Seu estilo é elegante, direto, preciso e conciso. Observa em sua redação todas as normas da ABNT e utiliza fontes bibliográficas e da Internet e as registra, citando as fontes em que se baseia, não ignorando os trabalhos de autores que utilizou, ao contrário de autores que as ignoram para dar a impressão que toda pesquisa é de sua autoria. O seu livro é muito bem ilustrado, o que o valoriza sobremodo. E soube pesquisar na Internet várias das ilustrações que constam de seu precioso livro. Nos chamou a atenção por desconhecer-la, a foto da inauguração em Set de 1935 do Sanatório do Dr. João Swindt, onde ele figura ao lado do Prefeito, o atual Patrono da ACANDHIS. Revela muito bom gosto literário ao recorrer a citações de Machado de Assis, o fundador da Academia Brasileira de Letras, a Mario Quintana nosso poeta maior, a João Guimarães Rosa e ao argentino Fernando Assunção, com quem muito aprendi e a Bruno Martins Farias que realiza trabalho valioso e original **Imagens do meu Rio Grande do Sul Antigo e seus vizinhos** que dele recebi em 15 Set 2016 com Dedicatória, em nosso encontro no Hotel Curi em Pelotas. Aborda diversos assuntos ou teorias da origem do gaúcho. Assunto do qual minha teoria é que o nome gaúcho seria uma corruptela de garrucho, uma lança com sua ponta em forma de meia lua, que os gaudérios changadores usavam para desgarronar (Cortar os garrões) dos vacuns, os prostrando por terra e a seguir os sangrando para retirar o couro e vendê-los, em especial em Rio Pardo e de contrabando das terras do Rei de Espanha. Alias sobre a origem de gaúcho e sua evolução ele foram divididos em três categorias: **O Gaúcho Primitivo**, o **Gaúcho Histórico** e o **Gaúcho Romance**. O

Gaúcho Primitivo seriam aqueles gaudérios changadores, “sem lei e sem Rei” que abatiam vacuns nos territórios dos reis de Espanha e vendiam seus couros de contrabando a portugueses e a contrabandistas de outras nacionalidades. **Gaúcho Histórico** eram aqueles que nas guerras no Pampa se tornaram soldados e passaram a ganhar o respeito e admiração das bandeiras pelas quais lutavam, as de Espanha e Portugal. Ao abordar o Rincão do Tamanduá informo que ele foi doado ao Capitão Mór Paulo Rodrigues Xavier Prates pelo Vice Rei Conde de Resende, personagem que é meu patrono de cadeira na Academia Resendense de História, for mim fundada em 1992. Personagem que criou a primeira Academia Militar das Américas em 1792, a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho a raiz histórica da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, cidade e município por ele fundados em 1801 A autora por duas vezes recorre a frases do grande poeta português Fernando Pessoa, autor desta frase: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.” E também recorre a pensamentos de outras grandes figuras da Literatura que já referi. Nas páginas 97 e 98 sobre o dia da inauguração a Luz Elétrica as datas nelas constantes foram ali colocadas pelo Patrono da ACANDHIS. E na pagina 38 seta que coloquei indicando a primitiva cadeia publica mandada construir pelo Ten. Cel Francisco Pedro de Abreu o Moringue, para servir ironicamente de “Casa de hóspedes dos lideres farroupilhas”. E nela estiveram presos os ministros farroupilhas Domingos Jose de Almeida, Cel José Mariano de Mattos e o Cel Joaquim Pedro Soares, veterano das guerras contra Napoleão em Portugal e que dispôs as forças para Antônio Netto na vitoria de Seival e teve a idéia de criar a tropa de Lanceiros Negros que foram comandadas pelo canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes. A Guerra Guaranítica que a autora aborda é uma das pesquisas que redigi e a publiquei na **História da 3ª Região Militar 1808-1889 e Antecedentes** v.1,p.90/97. Sobre os primeiros moradores de Canguçu que contribuíram para a construção da Capela Curada N .S. da Conceição, resgatei seus nomes no Arquivo Nacional onde encontrei correspondência enviada a Câmara de Deputados pelo Provedor da Igreja N,S,da Conceição o Vereador Theóphilo de Souza Mattos e pelo vice-provedor Antônio Joaquim Bento, meus bisavós. Pleiteavam a devolução dos terrenos doados a N.S da Conceição. Mas não devolvidos por razões de leis vigentes. Canguçu foi um grande produtor de mulas. Estas eram maiores que o normal. Eram conhecidas como mulões no tropeirismo de mulas. O rincão que figura num mapa como Rincão dos Melões, consta que em realidade era Rincão dos Mulões, no hoje 4º Distrito, onde elas eram produzidas. A confirmar! Sobre a construção da Ferrovia Pelotas-Canguçu ela foi idealizada pelo Senador General Osório, por razões militares. E previa que em caso de mais uma invasão do Rio Grande do Sul, as forças brasileiras se retiraram do litoral para a Serra dos Tapes em Canguçu, onde se prepararam para uma contra-ofensiva. Este foi um dos motivos da denominação da rua principal de General Osório, o qual também conseguiu ligar Canguçu com vários locais do Brasil servidos por telégrafo. Sobre a presença dos índios no Rio Grande do Sul, existe a teoria de Canales Frau “Índios haviam chegado na América do Sul pela América Central. E uma parte desceu pelo litoral e outra parte por detrás do Andes. A parte de litoral chegou até a Patagônia e subiu até os rios Ibicuí e Jacuí onde eles se encontraram e travaram muitos combates registrados em denominações área, Os

minuanos e charruas, índios cavaleiros vindos do Sul e os índios guaranis vindos do Norte. O Hospital de Canguçu ele foi construído pelo Exército através do 1º Batalhão Ferroviário e tomou o nome de Hospital Júlio Limeira, o comandante desta unidade, na qual eu serviria de 1957 a 1966, por cerca de 9 anos, e lá encontrei e trabalhei com alguns filhos de Canguçu e comandeireiros que haviam participado em Canguçu da construção da Avenida Exército Nacional Avenida, a qual foi acrescida em 2010, o nome Brigadeiro Antônio de Sampaio, personagem que como Capitão comandou em Canguçu uma Companhia de Infantaria do início de 1845 até 1849. Tropa destinada a manter nas Serras do Sudeste a Paz de Ponche Verde. E casou em Jaguarão com a canguçuense Júlia dos Santos Miranda, ligada aos fundadores da Estância do Cristal. O Cinema mudo em Canguçu funcionou no início da década de 30 do século XX, na rua da Igreja. Cinema que frequentei muito criança e lembro de alguns filmes e dos espetáculos do ventríloquo Acyr Portela e da Maestra, uma mulher que usava trajes masculinos. A autora descreve como o prédio foi usado através dos tempos. Por último lembro de ali funcionar a Oficina Mecânica e Emílio Klug que transformou o histórico local em duas casas. A autora conta o histórico do Cine Teatro Glória, cuja inauguração teve lugar em 16 set 1939, quando eu tinha próximo de 8 anos. Não estive presente na inauguração. A autora descreve a composição da Zona Sul, assunto que eu tinha muita curiosidade em saber. E relaciona os 27 municípios que a compõem, e muitos municípios novos. Com apoio em fontes seguras aborda a população de Canguçu constituída de 55.137 habitantes dos quais 63% no Interior e 37% na sede, cerca de 20.000, habitando em 6.300 casas e no interior 17.175 propriedades rurais que fariam de Canguçu "a Capital da Agricultura Familiar e o maior minifúndio da América Latina." A autora aborda a presença do Negro em Canguçu. Presença que abordei no Rio Grande do Sul em meu livro premiado em 1º lugar em Concurso promovido por Rio Grande do Sul **O Negro e seus descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul**, disponível para ser baixado no site www.ahimtb.org.br. Livro que a autora muito bem explorou informações ali contidas. A autora menciona que em 1887 Canguçu era o 2º lugar em número de escravos, com 839 escravos. Sobre o negro na Revolução Farroupilha, muitos integraram o Corpo de Lanceiros Negros que foram comandados pelo canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes tendo como porta-bandeira o tenente Manoel Alves da Silva Caldeira, hoje patronos de cadeira na ACANDHIS. Assunto que pioneiramente abordei em diversos trabalhos e em especial em meu livro **O Exército farrapo e seu chefes**, disponível para ser baixado no meu site www.ahimtb.org.br. Notável em seu valioso trabalho a abordagem os Quilombolas em Canguçu, distribuídos em 12 núcleos num total de 428 famílias, concentrados 3 núcleos em cada dos 1º, 2º e 3º distritos, 2 no 5º distrito e 1 no 4º distrito. Assunto que pela primeira vez conheci através da então professora Ingrid Bohmer, que pesquisava o assunto. Pomeranos é outro assunto que a autora mergulhou fundo. Assunto do qual se tornou especialista o acadêmico Nilson Pinz. Eu também escrevi sobre o assunto em data recente. Seria útil uma integração destes três trabalhos e divulgar em Canguçu, em livro digital . onde 40% de sua população é de origem pomerana. No capítulo 12, Rubem e seus afetos, a autora aborda os animais que Rubem e sua esposa "escolheram para proteger amar e cuidar": A mula Gisele, que toma chimarrão; a

cachorra perdigueira Safira; a ovelha criada desde pequena; a galinha e os pica-paus que moram na casa. É um capítulo emocionante! No capítulo 13 Conversa com o Espelho, a autora presta uma homenagem final ao barbeiro Rubem Rosa Ferreira, a iniciando com uma poesia de autoria de Charlie Chaplin. Foi um grande prazer ler o excelente livro **A Força do Espelho**, também uma preciosa lição de como se escrever um livro. Lição preciosa para canguçuenses escreverem livros digitais e colocá-los na Internet. Como arremates desta análise.

Eu nasci em 1931 e Ruben em 1944, 13 anos depois , E assim não convivemos. Ele lembra da Orquestra a Furiosa que não conheci e menciona o seu Molina e seus filhos dos quais destaco o Júlio Alci Gomes Molina , meu amigo com o qual muito convivi e juntos prestamos concurso para admissão no Ginásio Gonzaga em 1944.O recebi ao chegar em Canguçu. Lamentavelmente ele foi vítima fatal de acidente rodoviário. Quando ao seu Molina, como eu gostava muito de cantar formávamos um dupla para serenatas. Cujo repertório era único a música **Saudades de Matão** que eu cantava e por ele acompanhada de violão em dó maior. Merece destaque no trabalho as ilustrações de trajes típicos da gaúcho e dos usados pelas mulheres pomeranas. Gumex era um produto usado por barbeiros para penteados dos clientes. E lembro que como cadete quando outro cadete cometia uma falta disciplinar e era punido, os colegas assim justificavam a punição . “Prezado amigo. Dura Lex sede Lex, no cabelo só Gumex.” Ou a Lei é Dura mas é Lei. Concluindo, este livro me trouxe muitas saudades dos meus tempos muito felizes de minha Infância, Meninice e Adolescência em Canguçu. Saudades que muito gosto de ter e que as registro em minhas Memórias, disponíveis em Cel Bento no site www.ahimtb.org.br

MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO CONHECENDO CANGUÇU UM NOVO OLHAR ORGANIZADO PELA IRMÃ CECÍLIA IVONE RIGO



**Parceiras da Irmã Cecília no livro Conhecendo Canguçu um novo olhar
Acadêmica Irmã Cecília Ivone Rigo Diretora do CFENSA**

Iniciamos a pesquisar a História de Canguçu em 1956, com vistas ao centenário do município de Canguçu. E desde então, dando curso a nossa vocação de historiador, então revelada, objetivamos resgatar a esquecida e desconhecida história de Canguçu.

Fomos avançando procurando nas variadas fontes históricas regionais, estaduais, nacionais e até internacionais e assim recompomos a História de Canguçu.

O resultado é expresso na 2ª edição do nosso livro **Canguçu reencontro com sua História, um exemplo de reconstituição da memória comunitária** lançado no contexto das comemorações dos 150 anos da criação do município de Canguçu -.

Em 13 de setembro de 1988 criamos a Academia Canguçuense de História - ACANDHIS. Era o ano de centenário de meu pai, Conrado Ernani Bento, do qual herdamos valiosas fontes bibliográficas, documentais e iconográficas sobre Canguçu que ele colecionava e guardava com carinho, razão de sua escolha como Patrono da ACANDHIS. Este acervo tem servido para pesquisa e estudos, logo acrescido por valiosos trabalhos dos membros - acadêmicos desta Academia.

Os membros da ACANDHIS traduziram suas pesquisas sobre Canguçu em 2000, na **Revista dos 200 anos da fundação de Canguçu**, editada pela ACANDHIS.

Nesta Revista, na apresentação, desafiamos outros filhos de Canguçu de nascimento ou de coração, a que dessem continuidade à pesquisa, à preservação, ao culto e à divulgação da História de Canguçu, que deparei menino, coberta por espessa camada da pátina dos tempos, tendo a impressão de haver nascido numa comunidade marginal na História do Rio Grande dos Sul.

E o presente livro **Conhecendo Canguçu - um olhar** nos 150 anos, prefaciado pela operosa acadêmica Aliette Martins Ribeiro, que considero uma resposta ao nosso citado desafio e respondido neste trabalho teórico didático por mestras de História, Pedagogia, Letras e Geografia.

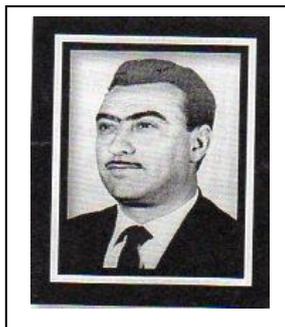
Obra que faz um retrospectivo histórico de alguns aspectos da vida canguçuense de ontem até hoje: Aspectos históricos geográficos e símbolos; Agricultura, Pecuária, Comércio e Meios de Transportes e de Comunicações, Poderes Legislativo e Judiciário e Cartórios; Serviços Essenciais, Educação; Lazer; Entidades Culturais; Igreja e ao final um, dos filhos de coração de Canguçu que foram consagrados como de Cidadão e Cidadã Canguçuense pelo Povo de Canguçu, seus representantes na Câmara, em reconhecimento a contribuições marcantes para o desenvolvimento de Canguçu.

Assim é que com grande emoção que apresento este trabalho teórico didático, feliz e com sensação de realização de que meu trabalho de meio século de pesquisa, preservação divulgação da História de Canguçu, ter a competente continuidade, dando curso a definição de História, atividade esta que estuda o Passado, para se entender o Presente e planejar em bases realistas o Futuro.

Resende, A cidade dos Cadetes, 20 de março de 2007

Coronel Cláudio Moreira Bento Presidente da ACANDHIS

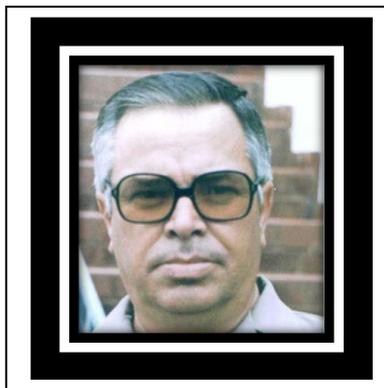
MINHA ANÁLISE DO LIVRO JOÃO GANCHO DE CLÓVIS ROCHA MOREIRA



Clóvis Rocha Moreira autor do livro João Gancho

Prezado primo Clóvis Rocha Moreira! Li de um só fôlego, e com viva emoção, de canguçuense e amante das coisas que rodearam nossas infâncias, teu excelente e muito elogiável trabalho, intitulado, “João Gancho”, o qual revela um contista regionalista modelar, além de escritor de grande potencialidade e originalidade, que, fugindo ao lugar comum, soube com grande brilho, ver, achar, reviver, captar, interpretar e sobretudo descrever, os costumes, tradições, mitos, psicologia, dramas e alegrias de grande parcela do povo da zona sul e, em especial, de grande parte dos que vivem em Canguçu dedicados à Agricultura, os quais, por razões históricas e sociológicas, possuem características, muito diversas dos demais rio-grandenses e, resultantes duma simbiose do tipo psicológico do pecuarista e do agricultor, este, de marcada influência açoriana além de marcadamente regionalista, pode alinhar-se, sem dúvida alguma, à obras do gênero produzidas por Simões Lopes Neto, o primeiro a revelar em livros, valorizando-as, a vida dos simples da zona sul. Está pois de parabéns o Rio Grande do Sul, a Zona do Sul e, em especial, Canguçu nossa terra natal. O drama social vivido por “João Gancho”, ao ter de abandonar suas terras à procura de melhores dias para seus filhos e, após, os fortes abalos morais sofridos na cidade, é o drama secular padecido por muitos dos nossos conterrâneos da zona agrícola, obrigados a abandoná-la rumo ao centro Geoeconômico Pelotas Rio Grande. Teu trabalho foi realista, sem ser em nenhum momento pornográfico, fostes feliz neste ponto, como o foste ao abordares as Tragédias, especificamente, o drama de Santa, a filha de “João Gancho”. Creia Clóvis, que teu excelente e sobretudo original trabalho, em futuro próximo, será “prata fina” para os sociólogos, estudiosos de folclore e regionalistas pelos valiosos subsídios nele contidos. Este trabalho eu gostaria de um da tê-lo produzido, e todo o canguçuense culto deveria lê-lo. Clóvis tu não te envergonhaste de escrever sobre as coisas que te rodeiam e de Canguçu e do interior, pois mesmo sendo figuras fatos e episódios de Canguçu, a maneira de tratá-los foi mais ampla, dando mesmo projeção a Canguçu nas letras, ao lado de André Punte e Barbosa Lessa. Parabéns!!!

MINHA APRESENTAÇÃO DA REVISTA 200 ANOS DE CANGUÇU EM 2000

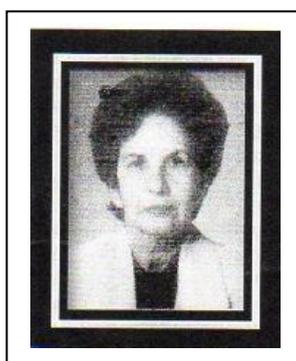


É com imensa alegria e emoção canguçuenses que os integrantes da ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA (ACANDHIS) brindam o povo de Canguçu com a presente publicação - a Revista 200 anos de Canguçu,(textos), comemorativa dos 200 anos de Canguçu, fundado em 1º Jan 1800, como capela curada N.S da Conceição de Canguçu, subordinada a matriz de Rio Grande . Esta revista é o resultado de um aplicado mutirão cultural levado a efeito e a muito bom termo, por membros de diversas categorias da ACANDHIS e colaboradores especiais, cujos nomes e categorias constam junto as matérias que assinaram. Dentre eles se destacam quatro membros que foram prefeitos, dos quais dois ex deputados estaduais e dois candidatos a este cargo e, mais quatro professores que exerceram a Secretaria de Educação e Cultura Municipal, num testemunho eloquente de ser a Academia um foro politicamente neutro, uma espécie de Pantheon, ou Tribunal da História da comunidade, a consagrar, na memória dos pósteros, como ato de justiça na voz da História, as vidas e obras dos que efetivamente trabalharam para a construção de Canguçu, independente de agremiação partidária a que pertencem. E esta revista traduz esta Justiça! Este trabalho talvez seja inédito e singular no Brasil em comemorações do gênero ,por realizado por integrantes de uma instituição histórica, não afeitos as atividades de historiadores, muito embora capazes de levá-las a bom termo, como foi o caso da presente revista , em que cumpriram de modo exemplar as tarefas, ou "lições de casa", que a cada um coube pelo Plano de Obra que me foi dado elaborar, propor e ver aprovado em reuniões da ACANDHIS no Clube Harmonia. Plano no qual atribuímos , de modo geral a cada um, tarefa ligada a sua atividade profissional e no qual fizemos uso de nossa larga experiência adquirida como historiador e coordenador de trabalhos semelhantes, como a Revista do Centenário do Clube Militar em 1987 e o Caderno do Centenários da República e da Bandeira Nacional em 1989 etc. e, mais o conhecimento expressivo da História de Canguçu que temos traduzido em diversos trabalhos relacionados ao final em Fontes de História de Canguçu do Arquivo Conrado Ernani Bento. É com grande satisfação que proclamo, como acadêmico idealizador, fundador e presidente da ACANDHIS, que todos os seus membros e convidados corresponderam e até superaram as nossas melhores expectativas, pelo conteúdo histórico abrangente e preciso de seus textos. Confirmar é obra de simples verificação de parte do leitor e pesquisador interessados . A nós, como mais prático nas lides historiográficas em geral e nas canguçuenses, em especial, e na qualidade de idealizador e formulador deste ousado projeto e, mais, "o inventor de trabalhos para confrades" não afeitos a este tipo de trabalho, mas capazes de levá-lo a bom termo, movidos pelo grande amor a terra e gente canguçuenses ,nos coube a

tarefa difícil e extenuante, mas muito gratificante, de coordená-lo, copydeská-lo, normalizá-lo, padronizá-lo, complementá-lo ,digitá-lo em grande parte e, finalmente, formatá-lo para a impressão, além de ao final de cada matéria colocar sempre que oportuno as NC - Nota da coordenação, bem como Fontes de consulta, em acordo com normas técnicas da ABNT, para remeter o leitor a mais fontes se ele desejar aprofundar. E neste caso, quase sempre indicando a parte inédita de nossa obra Canguçu reencontro com a História, com cópias encadernadas em alguns locais mencionados na parte publicada pelo Instituto Estadual do Livro. E mais, em Arremates e Respingos tentaram ao máximo cobrir lacunas históricas À vice presidente da ACANDHIS acadêmica professora Yonne Maria Sherer Bento coube a difícil reunião dos originais produzidos pelos sócios e colaboradores para fazerem parte na integra do Memorial Canguçu 200 anos da ACANDHIS, a ser colocado em sala solicitada pela ACANDHIS e reiteradamente prometida e até mostrada pelo Presidente de Honra, sócio efetivo e prefeito de Canguçu Odilon Almeida Meskó, quando em visita incorporada à hoje Casa de Cultura (Acadêmica post mortem) Marlene Barbosa Coelho ,então em reforma. Providência indispensável para que pudéssemos trabalhar com as cópias e nelas fazer as supressões, acréscimos necessários sem perda do conteúdo original, por impossível publicar no todo algumas colaborações enviadas . À acadêmica secretária, professora Aliette Martins Ribeiro coube a delicada tarefa de revisão dos originais com o auxílio de professoras de português cujos nomes serão citados em local próprio, junto com os dos confrades e colaboradores que viabilizaram recursos financeiros para editar a Revista. Esta revista era para ser ilustrada! Porém dificuldades circunstanciais e em especial tempo escasso para editá-la para ser lançada em 1º Jan 2.000, como comemorativa 200 anos de Canguçu e dos 500 anos do Descobrimento do Brasil e da entrada do 3º Milênio, terminaram por impor a Revista 200 anos de Canguçu em 2 volumes . O 1º volume, é o presente e constante só de textos como é de costume em comemorações desta natureza por entidades históricas .O segundo será ilustrado e a ser desenvolvido, com vagar ,no ano do bicentenário de Canguçu , segundo projeto apresentado pelo sócio efetivo Dr. Sebastião Ribeiro Neto. Já esta bastante adiantado quanto a obtenção de Ilustrações segundo o Plano de Obra. A este volume serão acrescidos trabalhos Canguçu ano 2.000 e dados históricos sobre as comemorações do Bicentenário de Canguçu. À cada item do sumário serão colocadas as ilustrações correspondentes e, esperamos, as aquarelas da lavra do confrade Nilson Meireles Prestes. E, os dois volumes se constituirão em precioso documentário marcos perenes do Bicentenário . Assim, orgulhosa, independente e unida, sem receber e nem recorrer a apoio oficial ,a ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA (ACANDHIS), através de seus integrantes e colaboradores cumpriu sua dívida de gratidão para com as gerações que construíram Canguçu neste 200 anos, ao mesmo, tempo que proporcionará às gerações de Canguçu do 3º Milênio os fundamentos para a uma sólida consciência de suas identidade e perspectiva históricas. Ou um farol radioso para iluminar e orientar permanência perene da comunidade canguçuense sob a inspiração de Deus e a proteção de N.S da Conceição, a sua padroeira. Deste modo a ACANDHIS proporcionará às futuras gerações de Canguçu o conhecimento de seu Passado para que melhor entendam o Presente .E assim, honrando às memórias dos

canguçuenses do Passado e as do Presente, construam o melhor Futuro possível para seus filhos, netos, bisnetos, etc. e sempre com o concurso da História , " a mestra das mestras a mestra da vida." História fruto da razão, como produto da análise isenta de fontes históricas fidedignas, autênticas e integras e não de Mitos. Estes fruto das paixões, das fontes manipuladas e forjadas, das fantasias e da injustiça. História que seguramente esperamos seja no 3º Milênio mais presente como conselheira , através da ação de alunos egressos da Faculdade de História de Canguçu, a primeira Escola de Ensino Superior a instalar-se em Canguçu. Que assim seja ! Cel Cláudio Mor,eira Bento - Acadêmico Presidente. Nota:Não foi possível por falta de recursos financeiros organizar e publicar o 2º volume mencionado.

MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO PRIMEIROS MORADORES PRIMEIRO BATISMOS EM CANGUÇU 1800-1813 DA GENEALOGISTA ILKA GUITTES NEVES



Genealogista Professora Ilka Guittes Neves

Em 30 de dezembro de 1799, 140 moradores de "arolo das Pedras do, denominado Cangussu, distrito da Freguesia do Rio Grande" tiveram despacho favorável do Ten. Gen. Sebastião Xavier Veiga Cabral da Câmara (1742-1801), Governador do Continente do Rio Grande de São Pedro do Sul (atual Rio Grande do Sul) para erigirem uma capela curada, tendo reunido 2.000 réis para tal.

Em 1º de janeiro de 1800, o padre Bento Cortez de Toledo, natural de Taubaté - SP, na qualidade de Visitador do Rio Grande, em nome do Bispo do Rio de Janeiro, lançou a pedra fundamental da atual igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Canguçu como capela curada subordinada à igreja matriz de São Pedro do Rio Grande.

O padre Toledo conforme assinou no 1º livro de batismo, retornou de sua missão fixando-se em Taubaté onde faleceu em 1843, conforme seu testamento que obtive no Arquivo Municipal de Taubaté.

Durante mais de 31 anos procuramos no Rio, Porto Alegre, Pelotas, Canguçu e agora em Taubaté, a lista dos 140 moradores primitivos de Canguçu, com as respectivas quantias doadas, sem sucesso.

Passamos em 1980 dois dias e duas noites em Petrópolis na casa do grande genealogista Carlos Grandmasson Rheingantz que nos forneceu uma lista de grande número dos que teriam sido os povoadores de Canguçu, a qual publicamos em

nosso livro e com maiores detalhes na obra completa inédita: **Canguçu reencontro com a História**. Palegre, IEL, 1983.

Agora a genealogista e historiadora prof^a Ilka Neves que se iniciou no magistério em Canguçu, em 1946- 1947 e cujo belo currículo que construiu após, inserido ao final, homenageia Canguçu e o seu povo com o presente trabalho que intitulou: **Canguçu-RS, Primitivos Moradores, Primeiros Batismos**, onde relacionou 833 forasteiros ou migrantes e Imigrantes das mais diversas procedências que batizaram, por cerca de 13 anos, de 3 de fev. 1800 a 24 de setembro do 1813, seus 1326 filhos nascidos em Canguçu, dos quais 702 meninos e 624 meninas, resgatando, assim, indiretamente, os nomes dos 140 primitivos moradores e os 1 000 dependentes citados no requerimento de fundação da capela.

Das crianças nascidas em Canguçu de 1800-1813 conforme demonstra a professora Ilka Neves, 1148 eram brancas, 83 pardas (negras), 47 índias e 48 expostas, denominação de enjeitadas sem paternidade e maternidade definidas que, segundo o costume da época, eram deixadas em rodas de instituições religiosas que as criavam. As índias eram em grande parte filhos de índios migrantes de Aldeia dos Anjos (Gravataí) que ali haviam sido aldeados depois da guerra de reconquista do Rio Grande aos Espanhóis - 1776.

Abordamos as origens de Canguçu, requerimento para sua fundação, síntese biográfica do Ten. Gen. Veiga Cabral, do padre Toledo, conjuntura do Brasil, do Rio Grande e do mundo na época, em nosso citado **Canguçu reencontro com a História**, na História da Igreja Nossa Senhora de Canguçu no **Diário Popular**, Pelotas, 16, 23 e 30 de abril de 1972 (Coluna Querência), em **Município de Canguçu - Formação Histórica** (Canguçu, ACANDHIS-Prefeitura, 1991) **Real Fitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 783-89** (Canguçu, ACANDHIS-Prefeitura, 1992), No último tivemos valiosa colaboração da professora Ilka, na genealogia do capitão mor. Paulo Rodrigues Xavier Prates um dos contendores da questão de terras que deu origem a atual cidade de Canguçu, tendo a enfrentá-lo o alteres José de Souza Pereira, que o presente estudo revela tratar-se de um filho da localidade de Prados, próximo das cidades de São Joio dei Rey, Tiradentes e Barbacena nas Minas Gerais. Ele casado com Catarina Leite de Oliveira, filha do português de Braga José Leite de Oliveira e de Bibiana Dorneles de Menezes de Guaratinguetá-SP e nascida em Triunfo. Tiveram um único filho, Francisco, nascido em Canguçu, em 12 de março de 1801.

Sabia-se por tradição que Canguçu havia sido povoado por migrantes do Rio Grande do Sul, em especial de Rio Pardo, Triunfo, Santo Amaro, Estreito e Mostardas e por portugueses, notadamente de Braga e da ilha do Faial nos Açores. Residindo no Vale do Paraíba e pertencendo ao Instituto de Estudos Valeparaibanos e as outras entidades históricas que abrangem a região citada, fomos surpreendidos com a expressiva contribuição paulista (abrangendo o Paraná) no povoamento de Canguçu que a autora da presente pesquisa avaliou numericamente pela origem dos pais dos primeiros canguçuenses. De diversos locais do Rio Grande do Sul 594 pais; de São Paulo (incluindo hoje o Paraná) 149; de Santa Catarina 24; do Rio de Janeiro 18; da Bahia 3; de Pernambuco 2. De Portugal 35, dos quais o maior contingente de povoadores primitivos foi de Braga, em número de 15. Da ilha açoriana do Faial 50, das

demais ilhas dos Açores 15, da ilhas (Portugal) sem outros dados 5 e da ilha da Madeira 1.

Na época da fundação de Canguçu, dentro de um contexto de guerra iminente entre Espanha e Portugal, a fronteira entre ambos, de fato, era o rio Piratini, sendo Canguçu então fronteira. A vitoriosa guerra de 1801 a dilatou até o rio Jaguarão e do Taim até Chuí, além de incorporar-se outros territórios como os Sete Povos das Missões e até o rio Santa Maria, anulando assim o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, Guerra em que os primeiros povoadores de Canguçu desempenharam importante papel, integrando a Cavalaria Ligeira ao comando do cel. Manuel Marques de Souza 1º, nome que elaboramos proposta aprovada a pedido do general de Brigada Virgílio Ribeiro Muxfeldt comandante da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada em Pelotas, para ser sua denominação histórica, pelos relevantes serviços militares que este herói prestou à Região Sul do Rio Grande do Sul 1776-1820, na então conhecida Fronteira do Rio Grande, dividida do Rio Pardo pelo rio Camaquã e cabeceiras do Jaguarão. Hoje é denominação histórica da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada.

Em 1806 foi criado o atual Rio Grande do Sul, como unidade independente do Rio de Janeiro, bem como pela mesma Carta Régia a atual 3ª Região Militar cuja história escrevemos em 1995 em 2 v. a convite daquele comando, e que equivale à História Militar do Rio Grande do Sul. Com as agitações no Rio da Prata, foi criado o Exército Pacificador da Banda Oriental 1811/1812 que invadiu o Uruguai, para defendê-lo, dentro de interesses da Espanha cujo rei era irmão da rainha de Portugal D. Carlota Joaquina. Este evento provocou a vinda de São Paulo da Legião de São Paulo que atuou no Rio Grande do Sul até 1824, cuja síntese histórica abordamos na citada História da 3ª Região Militar. Pela mesma época atuou de 1815-1822 no Uruguai, a Divisão de Voluntários Reais de Portugal, da qual se fixaram no Rio Grande muitos de seus integrantes, aos serem junto com o Exército do Sul, em Piratini em 1828, então ao comando do general Carlos Frederico Lecor.

Ao final da campanha do Exército Pacificador, Pelotas e Canguçu foram elevadas a freguesias independentes da de Rio Grande.

Sabemos que tropas paulistas atuaram no Rio Grande do Sul como expedicionários de 1775-1778 e de 1810-1824.

As comunicações do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, a partir de 1720 e por longos anos após, se fizeram, por terra, dentro da Estrada das Tropas, onde se desenvolveu o Tropeirismo que de uns tempos para cá começa a ser resgatado. Estrada mais ou menos balizada hoje, a partir de Canguçu, por Pelotas-Rio Grande-Mostardas-Viamão e Porto Alegre-Santo Antônio da Patrulha, Bom Jesus-Vacaria-Lages- RIO Negro-Lapa-Curitiba-Ponta Grossa-Castro-Faxina-Itararé-Itapetininga-São Paulo-Mogi das Cruzes, Taubaté-Pindamonhagaba-Guaratinguetá-Lorena-Resende-São João Marcos-Rio de Janeiro e, a partir de Guaratinguetá, Minas Gerais e cidades auríferas. Canguçu foi no início um dos grandes produtores de muare que eram consumidos pelo ciclo da exploração do ouro em exaustão nas Minas Gerais e do café em seu início no vale do Paraíba e notadamente em Resende e Itatiaia onde residimos, sendo que Resende fundada como capela Curada em 1744. E foram das comunidades localizadas ao longo do caminho das tropas que vieram os paulistas e hoje também paranaenses para povoar Canguçu. Através da identificação dos genitores e suas origens a autora tabulou os dados em cada comunidade registrando os respectivos totais aos quais acrescentamos

a seguir a nominata de algumas famílias. Assim procediam, entre outros, de Curitiba 38 (Barbosa, Borges, Freitas, Moura, Nascimento, Oliveira Pedroso etc); de São Paulo 17 (Bueno da família Amador Bueno, Camargo, Pedroso, Oliveira, Rosa etc.); de Itapetininga 16 (Prestes, Quevedo, Teixeira etc); de Sorocaba 12 (Fonseca, Rodrigues de Oliveira etc.); de Castro 13 (Oliveira Cavalheiro, Furtado); da Lapa 13; de Taubaté 6 (Arzão, Barbosa Prestes etc.); de Lages 11; de Laguna 3; de vila Faxina 3; de Guaratinguetá 1 (Rocha). Ainda de São Paulo registre-se entre os povoadores de Canguçu paulistas das localidades de Atibaia, Cotia, Caraguatatuba, Iguape, Itu, Jundiá, Santana do Parnaíba (Coelho), São Carlos, São Roque, etc.

Do Rio de Janeiro temos os Picanço e os Coutinho da Rocha de São Marcos, antiga Vila Príncipe hoje submersa. De Minas temos os Claro da Cunha, de São João dei Rei os Rodrigues Cardoso. Da Bahia os Favila que deram nome à região Favila.

Os Gomes e os Dias, famílias tradicionais de estanceiros procedem de Maldonado no Uruguai. Do arquipélago dos Açores vieram os Ávila, Baladão, Duarte, Farias Goularte, Mattos, Nunes, Oliveira, Santos. De Santa Catarina os Saraiva do Amaral dos quais descende Gumerindo Saraiva, com origem nos Açores, após por Mustardas e permanecerem por uma geração em Canguçu em cuja toponímia deixaram seus sobrenomes.

Os Vaz de Bragança-Portugal; os Borbas, de Triunfo, com origem açoriana; os Cunha de Portugal e os Soares de Paiva de Rio Pardo.

À genealogista Ilka Neves já devíamos seu excelente estudo “Dos Leme aos Moreira Bento de Canguçu”, muito aproveitado por Luiz Carlos Barbosa Lessa para desenvolver estudos genealógicos da Associação de descendentes e afins dos Leme, com sede na Armada, em Canguçu. Estudo que a genealogista pelotense Alda Maria de Moraes Jaccotet complementou demonstrando, entre outras Oliveira e Souza Mattos são a mesma família e que a diferença se deveu a mudança do Oliveira por Mattos por nosso trisavô Antônio de Souza Oliveira (Mattos), nascido em Mostardas em 14 do agosto de 1788, filho de Manoel de Souza Oliveira, nascido em Rio Grande, em 28 de agosto de 1761 por haver substituído Matos por Oliveira, para ou tio e primo Antônio de Souza Oliveira e Antônio de Souza Oliveira Filho. Do mesmo modo fui informado por Carlos Rheingantz que o nome Piegas foi acrescido ao de Felisberto da Cruz por ser a família muito religiosa. Aliás o autor citado os estuda, bem como muitas do Canguçu na tese “Povoamento do Rio Grande de São Pedro - a contribuição da Colônia do Sacramento”, nos **Anais do Simpósio do Bicentenário da Restauração do Rio Grande 1776-1976**. Rio, IHGB, 1979. v.2, pp. 7-524.

Assim, graças à Genealogia, disciplina auxiliar da História que estuda a História das famílias, tivemos satisfeita nossa curiosidade sobre nossas origens familiares, através dos citados genealogistas Carlos Rheingantz, Ilka Neves, Alda Jaccotet, estudiosos da ADALEME (Associação de descendentes e afins dos Leme), da historiadora Heloisa Nascimento, e do professor Adail Bento Costa, bem como de nossa mãe Cacilda Moreira Bento e de Ester de Souza Lopes. Conhecemos, como nossas mais remotas origens os Lemes dos Países Baixos, ligações de parentesco com Bento Gonçalves da Silva, o líder farrapo, um dos mais ilustres membros da ADALEME.

Concluimos que a grosso modo entraram em minha genealogia e assim de

meu complexo de gens, os das famílias Leme, Machado, Ferreira, Vaz, Gomes, Silveira, Borba, Mattos (Oliveira), Souza, Monteiro e Bento. A exceção dos três últimos sobrenomes, os demais seriam de canguçuenses de 200 anos, povoadores de Canguçu e também de Piratini e Pedro Osório, hoje. As famílias Moreira e Bento chegaram em Canguçu com a sua elevação a município em 1857, sendo os Moreira através de José Ignácio Moreira, funcionário da Justiça único, destinado ao novel município e ex-funcionário do Ministério da República Rio-Grandense e genro de Serafim José da Silveira, presidente da Câmara de Piratini, ao qual se deve a eleição de Gomes Jardim para substituir Bento Gonçalves preso na ilha do Fanfa. Moreira com raízes na Serra da Mantiqueira, no sul de Minas, com ramificações diversas em Resende, Silveiras, etc. Os Bento chegaram com o pelotense Antônio Joaquim Bento, como 1º professor régio do município de Canguçu, em 1857, que por sua vez, segundo Adail Bento Costa, chegaram ao Rio Grande do Sul por volta de 1815 com a Divisão de Voluntários Reais, na pessoa de Antônio Joaquim Bento, natural de Braga e que desmobilizado em 1828, casou em Piratini com Cecília Maria Matos, natural de Guimarães. Os Gomes que se fixaram no vale do rio Piratini junto com os Dias, forneceram o primeiro historiador de Canguçu, o comendador Manoel José Gomes de Freitas, autor de **Memória**, que Simões Lopes Neto, o 2º historiador de Canguçu, publicou na **Revista do Centenário de Pelotas nº 4 Bosquejo Histórico de Canguçu - 1912**. Os Monteiro estiveram em Canguçu no final do século passado trabalhando com mármore e provenientes do Rio de Janeiro, com parentesco com a família Niemeyer do Rio.

Ao final do livro de batismos nº 1 em 1813, Canguçu foi visitado dois anos mais tarde, em 25, 26 e 27 de novembro de 1815 pelo 8º bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano da Silva, cujas impressões registramos em nosso citado **Canguçu reencontro com a História e no Diário Popular**, Pelotas, 27 de março de 1977. Ele observou entre outras coisas que Canguçu era uma das mais notáveis da Capitania na produção de trigo e, que o próprio pároco padre Tsurem era um grande produtor e que Canguçu já possuía por volta de 3.000 moradores. Por esta época era um grande produtor de trigo em Canguçu que vendia no Passo Rico, no São Gonçalo, nosso trisavô Antônio de Souza (Oliveira) Mattos já citado, pai de Rafaela Mattos, mãe do gen. José Mattos Netto (Zeca Netto) e do Ten. Cel. Honorário do Exército, Theófilo de Souza Mattos, que comandou os canguçuenses na Guerra do Paraguai. Por descendente de Zeca Netto conhecemos que em Canguçu, os campos da costa do Camaquã, na Armada, eram destinados ao trigo antes que a Pecuária, pelos Matos.

A pesquisa histórica permite aproximações sucessivas na procura da verdade. Temos certeza que os subsídios que ora a professora Ilka Neves presenteia Canguçu e a Genealogia do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo, para não falar-se na genealogia de Portugal, irão produzir muitos frutos para o progressivo resgate da História e, no caso presente, a de Canguçu, que foi muito descuidada com grave prejuízo para a sua identidade no concerto das demais comunidades gaúchas e com isto elevar-se o nível de auto-estima das atuais e futuras gerações de canguçuenses. Pois, é preciso que eles encontrem respostas acerca de onde vieram e de como se incorporaram à comunidade canguçuense. E, a presente contribuição os ajudará a homenagear, de justiça, os construtores da comunidade canguçuense dos quais descendemos. Enfim, a contribuição de Ilka Neves que em

1946-1947 ensinou alguns canguçuenses no Grupo Escolar Irmãos Andrada 1946-1947 hoje ajuda e ajudará os canguçuenses do presente e do futuro a terem uma consciência alta e nobre de suas raízes familiares e da existência da comunidade canguçuense, pois nenhuma criatura humana vive feliz sem sentir emoção e orgulho da terra em que nasceu e que seus ancestrais construíram para ela, no caso, ao longo de quase 2 séculos desde a fundação de Canguçu no longínquo ano de 1800.

Para melhor entender-se o povoamento e o desenvolvimento de Canguçu e mister conhecer a História do Charque em Pelotas e suas repercussões em Canguçu. Disto nos deu idéia Alvarino Marques em sua Trilogia sobre o Charque. E, mais, entender-se o Tropeirismo, assunto que vem sendo resgatado e que se encontrava recoberto pela pátina dos tempos e acaba de ser esclarecido pelo Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca médico em Passo Fundo, município gêmeo de Canguçu.

O Tropeirismo de Mulas no Brasil teve grande repercussão geopolítica e assim tentaremos explicá-lo num grande esforço de síntese:

Com a descoberta da prata no Peru era necessário transportá-la para o mar do Caribe, através dos Andes. A solução foi produzir e criar-se mulas em terras da atual Argentina, para transportar a prata. O declínio da prata no Peru coincidiu em linhas gerais com a descoberta do ouro nas Minas Gerais. E para abastecê-la de mulas e outros itens para sustentar a atividade de exploração do ouro, foi necessário recorrer-se ao Tropeirismo de Mulas. Este, com seus tropeiros espanhóis, se voltaram para o promissor negócio. E por anos e anos mulas argentinas com tropeiros espanhóis exploravam o novo negócio no Brasil.

Com a Guerra entre Espanha e Portugal 1763- 1776, envolvendo o Rio Grande do Sul, impôs-se aqui produzir muares, bem como o surgimento de tropeiros portugueses e em especial gaúchos. Tornou-se tão rendosa a produção de mulas que o Rei baixou um decreto para que cada fazenda produzisse uma quantia mínima de cavalos e, não só mulas, para poder atender às necessidades militares da Cavalaria do seu Exército. E assim foi feito sob rigorosa fiscalização.

E o Tropeirismo de Mulas intensificou-se a cada dia, principalmente na Estrada das Tropas ligando os atuais Rio Grande do Sul-Santa Catarina-Paraná-São Paulo-Rio de Janeiro. E a partir de São Paulo com as minas de Minas Gerais, de Goiás e de Cuiabá. E foram tropeiros muitos gaúchos.

Com a decadência do Ciclo do Ouro em Minas e início do Ciclo do Café no Vale do Paraíba, o Tropeirismo de Mulas voltou-se para, fundamentalmente, produzir e abastecer de mulas as fazendas de café para movimentá-las o transportar o café produzido em lombo de mulas e, por longos anos, através da Serra do Mar, para os portos litorâneos como Angra do Reis, Parati etc.

Assim, segundo estudiosos do assunto, não fora o Tropeirismo de Mulas, os mineiros de ouro de Minas teriam morrido a míngua por falta de abastecimentos logísticos fundamentais e de meios para transportar a produção do ouro para o Rio de Janeiro. E mais, que o Rio Grande do Sul não teria sido do Brasil. Disto decorre a sua grande importância geopolítica.

Canguçu na região próxima de Vila Freire foi um grande produtor de mulões, mulas de grande estatura e muito disputadas em Sorocaba. Na toponímia local ficou a denominação de Rincão dos Mulões que foi passado para um mapa antigo de

Canguçu como Rincão dos Melões, de igual forma que Bom Será, que em realidade chamou-se Bom Ceral, devido a produção de cera de abelha muito conhecida. Ou também esquecida a origem do Passo da Armada dada por ali haver passado com grandes dificuldades em retirada em 1774 a tropa do Governador de Buenos Aires, o mexicano D. Vertiz y Salcedo, acossado com a sua Real **Armada** (Exército) por guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira.

Esta regressão se impunha para entender-se como o Tropeirismo de Mulas, bem como o Tropeirismo de Bovinos para as Charqueadas de Pelotas, das quais Canguçu era ponto obrigatório de passagem, influíram no seu povoamento e desenvolvimento, ao lado das guerras de 1763- 1776, 1801 e Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental em 1812 etc.

Tem pois o leitor e pesquisador interessado no presente e original resgate da professora Ilka Neves, a oportunidade de pesquisar e descobrir os seus ancestrais povoadores de Canguçu e de onde procediam para se incorporarem, faz cerca de 200 anos, à comunidade canguçuense que, no início do 3º Milênio, completará 200 anos de existência.

Boas pesquisas e felizes conclusões e principalmente para os canguçuenses de 200 anos pertencentes hoje ao 22º município gaúcho criado.

Votos de que o 3º Milênio produza historiadores canguçuenses que dêem continuidade aos trabalhos de resgate e divulgação histórica de Canguçu, como nos orgulhamos de tê-lo feito, assim, como a professora Marlene Barbosa Coelho de modo especial no Museu Municipal Cap. Henrique José Barbosa e, como ora o faz brilhantemente a professora Ilka Neves com **Canguçu-RS, Primitivos Moradores. Cel. Cláudio Moreira Bento¹**

MEU PREFACIO DO LIVRO ERA UMA VEZ EM CANGUÇU QUANDO AS CRIANÇAS FAZIAM ARTE, DE ELOAH MOREIRA MORALES NASCIMENTO



Eloah Moreira Morales do Nascimento

Ensinaram-me que recordar é viver. Julgo que, em verdade, recordar seja reviver! E como me foi possível reviver fatos importantes com minha prima irmã Eloah Moreira Morales do Nascimento com este seu excelente e oportuno livro de família!

Ela é uma Moreira a manifestar o gene literário dos Moreiras, com origem talvez, em nosso bisavô José Inácio Moreira, que foi o oficial de gabinete de Ministro de

Interior da República Rio Grandense, o Coronel José Pinheiro Ulhoa Cintra, filho de São João Del Rey - MG, poeta e escritor considerado o ghost José Inácio Moreira casou com Delfina Antônia da Silveira filha de Serafim Silveira presidente da Câmara de Piratini na Revolução Farroupilha. José Inácio fora enviado para Canguçu em 1857 na sua fundação como município há 150 anos e na qualidade de seu primeiro serventário de Justiça. Trouxe entre os filhos lá nascidos, Franklin Máximo e Carlos Norberto, que teriam grande destaque social em Canguçu, inclusive na fundação do Clube Harmonia, caso de Franklin Máximo, e a seguir Carlos Norberto, na aquisição da primeira sede do citado clube no local onde se ergue a Prefeitura Municipal e ambos ligados ao movimento cultural gaúcho como seus leitores e colaboradores e, também, em parceria, colecionadores do Almanaque Literário e Estatístico do RS 1889/1917 de Alfredo Ferreira Rodrigues. Coleção que foi dada por tia Alice, filha de Carlos Norberto, ao adolescente Luis Carlos Barbosa Lessa servindo de inspiração ao seu tradicionalismo o que o tornaria um dos gaúchos do século XX.

O gene literário projetou-se, segundo abordamos na inauguração da cadeira da ACANOHIS Clóvis Rocha Moreira, com a concordância de Cairo Moreira Pinheiro, o genealogista, das famílias Mattos e Moreira, nos seus diletos filhos, Franklin Máximo Moreira e Carlos Norberto Moreira. Deste para seus netos, este autor, o Major Ângelo Pires Moreira e agora para uma neta Eloah. Manifestou-se também em bisnetos Luiz Carlos Barbosa Lessa e Clovis Rocha Moreira e na bisneta, a única filha Eloah, a falecida Hilda Nascimento Dias que conhecemos numa reunião da ACAN onde procurava saber de sua bisavó Firmina Mattos Moreira, nome este hoje consagrado em rua na outrora Chacrinha de sua propriedade e passando junto à casa que pertenceu.

Eloah, segundo seu filho Paulo Armando Morales do Nascimento, na Introdução revelou sempre grande carinho pela preservação de fotos de seus familiares, o que minha mãe também o fazia e creio que herdei isto dela e de meu pai cujos acervos e menos o da família Mattos que transferi para um sobrinho dos citados irmãos Franklin Carlos Norberto, e neto de Amenaide Moreira Mattos, o escritor e artista plástico, | para mim também, um herdeiro do gene literário e artístico dos Moreiras, o Mário Barbosa de Mattos.

Eloah recorda fatos e pessoas de sua infância que conheci, a maioria das que menciono em minhas Memórias, em Canguçu reencontro com a História, na minha genealogia dos Lemes da Ilha da Madeira aos Mattos, Moreiras e Bentos de Canguçu agora, em trabalho que desenvolvo. Memórias do cotidiano em minha infância Canguçu, 1931-1944. Mas de grande relevo para mim foram as considerações da prima Eloah para melhor definir o perfil de nosso avô Carlos Norberto Moreira, meu patrono de cadeira na ACANDHIS e nome que dei a meu filho Carlos Norberto Stumpf Bento, Capitão de Mar e Guerra de nossa Marinha de Guerra que também herdou o gene dos Moreira e escreve muito bem, e é artista plástico, administra meu site e tem sido o artista que desenhou as capas de muitos de meus livros sobre o Exército na Região Sul e do Canguçu reencontro com a História, comemorativo dos 150 anos de Canguçu em 2007 (Eloah apresentou nosso avô Carlos Norberto que ela não conheceu, mas que dele recebeu informações de sua avó Firmina e mãe de criação).

Em justa homenagem a duas Firminas, a prima Eloah homenageia nossa a Firmina a responsável por sua criação e primorosa educação e mais a minha e dela grande amiga Irmã Firmina Simon, hoje patrona de cadeira na ACANDHIS, pelos relevantes serviços que prestou a Canguçu que a consagrou como Cidadã Canguçuense, em projeto que tive a felicidade de elaborar sua síntese biográfica notável, a pedido do vereador radialista Adão Jesus Marques Pereira. Serviços relevantes que a acadêmica que ocupa sua cadeira, a Irmã Cecília Rigo, muito bem a tem substituído na vida social i da comunidade, muito bem representando a sua Ordem das Irmãs Franciscanas, além de ser uma modelar líder ecumênica.obre nossa avó Firmina com quem pouco convivi e só nas ocasiões de visitá-la aos domingos com minha mãe, recordo seu vulto simpático e sei que era muito amada por minha mãe Cacilda.

Eloah definiu sua avó e mãe de criação Firmina, como pessoa caridosa que fornecia leite a famílias necessitadas e doava gêneros de que recebia a 3ª parte de agricultores que cultivavam suas terras. Era devota de Santa Terezinha e muito cuidadosa e paciente em acomodar situações, sendo chamada pelo marido de Nossa Senhora da Paz e pelos pobres que ajudava de Mãe dos Pobres. Ela combatia preconceitos contra a juventude e a violência política, como a ocorrida no lamentável episódio conhecido como Noite do Bambu ,em que opositores do governo foram castigados no prédio do hoje Clube Harmonia com uma surra por tropa de soldados Provisórios, de passagem, com bambus cortados na praça. Isto a levou a visitar em companhia de Eloah e na Vila dos Campos, o Sr Ermílio Campos, muito castigado no episódio e hoje patrono de cadeira na ACANOHIS, ocupada pela acadêmica professora Ivete Possas da Silveira. Conta-nos Eloah que nossa avó era vaidosa e andava sempre perfumada, o que confirmo, usando perfumes que ela mesma preparava e muito dedicada a criação das netas que criara. A Eloah e Maria Bertoldi ao perderem a mãe Joana, (Joaninha) e mais os netos Firmina (Firmininha) e Firmo (seria Firmino) depois de perderem sua mãe. E mais Antonina, filha de sua filha Alice que faleceria deixando sua prole órfã, da qual criou e educou Cely Moreira Pereira.

Lembro-me, como Eloah, da preocupação que tomou conta da família, e da qual participei, por minha avó ter de viajar a Porto Alegre para ser operada de catarata, então uma cirurgia delicada e que nossa avó apreciava a leitura de romances lidos em voz alta, para uma empregada e amiga.

Vó Firmina definia seu marido Carlos Norberto como um homem educado, apreciador de belos objetos e que com eles decorava sua casa, inclusive adquirindo um gramofone onde era tocada com freqüência a Ópera Guarani de Carlos Gomes. Na sala de jantar, usava toalhas de linho irlandês, porcelana inglesa e faqueiro de prata. E até um requintado prato de maionese de lagostas. Estas em latas de conserva. Eloah descreve detalhes da vida e costumes na Chacrinha que concluo se projetaram na

minha casa, com minha mãe, na fabricação de doces caseiros em tachos e os

trabalhos de crochê aprendidos com sua mãe e fazia inclusive colchas com as quais presenteava filhos. Principalmente aprendeu como a vó Firmina o bem cuidar da saúde disto recorrendo a sua eficaz farmácia e tratamentos caseiros consagrados que ela usava i num local com raros médicos.

Vá Firmina nasceu em 13 de maio de 1856 e ficou viúva aos 50 anos. Faleceu depois de câncer de mama, em 18 de dezembro de 1945, aos 89 anos, beirando os 9º anos. Notícia que me alcançou quando eu treinava futebol no Campo do Cruzeiro. Foi golpe para a minha mãe que já havia perdido dois filhos moços, o Genes e o Carlos depois de prestarem o Serviço Militar e Flávio Bandarra seu primeiro neto com 8 anos. Politicamente Vó Firmina era borgista e conservava na sala de visita a foto de Júlio de Castilhos, Carlos Norberto e seu irmão Franklin foram líderes republicanos em Canguçu seguramente, do republicanismo farrapo de seu pai que chegou a ser preso junto irmão Pedro, em Pelotas, pelos imperiais, conforme registro no jornal farrapo O POVO.

Nossa avó era prima irmã do general revolucionário Zeca Netto, que numa de suas tomadas de Canguçu em 1923, manifestou o desejo de visitar a prima Firmina na Chacrinha ela respondeu: Que não receberia a visita de um primo que perseguira seus filhos Afonso Celso (Chicuta) e Carlos Licurgo (Caritós, que lutavam nas forças contrárias. Mas Firmina, por intervenção de um parente, terminou o recebendo. Suas neta e minha irmã Luiza, enfeitaram a pinguela de acesso a Chacrinha, com flores e para receber Zeca Netto. Mas ficaram frustradas, pois ele entrou de carro, por segurança, pela entrada destinada a carroças e automóveis.

Eloah conta que estava na frente da Chacrinha com seu pai e dali ouviu tiroteio no Combate de Cerro Partido em 18 de julho de 1823. Sendo ordenado que procurassem abrigo na casa para não serem atingidos por balas perdidas.

Fui criado no respeito e na veneração das figuras de meus pais, avós e outras pessoas caras que nos deixaram. As fotos de meu avós lado a lado, figuravam na sala de minha casa em local de destaque e hoje se encontram Municipal por iniciativa da amiga Marlene Barbosa Coelho, que as preservou e entronizou no Museu onde as contemplo com freqüência junto com as figuras de meus bisavós e trisavôs da família Mattos e de meus bisavós Antonio e Isabel Vaz Bento em razão de eles terem sido importantes no desenvolvimento da comunidade. Pois meus avós Genes Gentil e Carlos Norberto, meu bisavô Ten. Cel Theóphilo de Souza Matos e mais meu tio bisavô Franklin Maximo foram consagrados patronos de cadeiras na ACANDHIS, bem como Genes Gentil E os citados mais as minhas avós Firmina e Maria da Conceição (dona Noca) foram consagrados pelo Povo de Canguçu em nome de ruas.

Vó Firmina possuía 9 anos quando seu pai partiu para a guerra do Paraguai, no comando do Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu, retornando quase 5 anos após, quando ela já era menina moça com 14 anos. Voltou como Tenente Coronel Honorário do Exército Theóphilo de Souza Mattos. Vó Firmina teve três netos

oficiais do Exército, o autor, o Ten. Cel Jose Carlos Borba Moreira, o Major Ângelo Pires Moreira e um seu filho de criação, o 1º Ten. Nicolau Moura Ferreira que estudou advocacia e terminou sua carreira no Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, onde eu servi por cerca de 9 anos de 1983 a 1991, e dele fizeram boas referências pessoas que o conheceram e com ele privaram.

Eloah menciona que nossa avó e sua mãe de criação e de Maria esposa de meu padrinho de crisma Fernando Bertoldi, revelava um sentimento de revolta pela escravidão. Relata ainda que não gostava que seus netos tomassem sua benção, beijando a sua mão, costume a que faziam jus os avós, pais, tios e padrinhos, e que eu alcancei. Eloah revelou o motivo, Vó Firmina percebera que um neto sentia uma espécie de nojo em beijar a mão enrugada da avó. Afirmo que não era eu!

Eloah que revelou especial pendor para o magistério e a convite da grande mestra Irmã Firmina, que percebeu a sua potencialidade junto com a de Ana, lecionou no Aparecida de 1940-1943, período em que cursei o 3º, 4º e 5º anos, sendo que, em 1942 fui aluno da citada e saudosa professora Ana que conseguiu que eu tivesse um bom rendimento por fiel à pedagogia da grande mestra Irmã Firmina. Lembro que a aula da Eloah era ao lado da cozinha do Colégio numa espécie de Jardim de Infância ou talvez como alfabetizadora.

Em 1944 quando eu estava no 6º ano ela fundou na casa de nossa vó, ao lado do Hotel Telesca, a Escola Cristo Rei. E ali, para seu orgulho, foram seus alunos os futuros prefeitos e deputados Odilon Almeida Mesko e Gilberto Moreira Mussi, o último hoje acadêmico da ACANDHIS ocupante da cadeira Dr. Luis Oliveira Lessa. Lembro que minha irmã Maria foi sua aluna. E que brincávamos com ela, dizendo, Mariazinha é a segunda aluna em aproveitamento em sua aula no Cristo Rei ,ao que alguém ironicamente observava: Também pudera, a sua aula só tem dois alunos! .

Eloah a convite de meu pai eleito prefeito foi Orientadora de Ensino da Prefeitura em 1952/1953, tendo prestado relevantes serviços à Educação em Canguçu durante anos, antes de mudar-se para as Missões acompanhada do marido Nelson Nascimento que era funcionário do Posto de Saúde. Ela presta valioso testemunho da orientação de meu pai, na política educacional que ele seguia no seu 3º mandato.

Eloah refletiu o que aprendera com a excepcional mestra Irmã Firmina, contato com ela retomei ao receber do reitor da Universidade de Pernambuco carta por ela escrita e que ele nos mostrou, onde a Irmã Firmina agradecia a remessa de meus livros Batalhas dos Guararapes e a Grande festa dos Lanceiros editados por aquela Universidade, onde declarava com orgulho que o autor fora seu aluno na Escola Aparei Dali em diante nossa relação resultou em forte amizade e muita ajuda nossa na formação da sua Biblioteca do Aparecida. Sempre que voltava a Canguçu era visita obrigatória; visitei com frequência até seus últimos dias no Convento da Ordem em Santa Maria. Ela por nossa indicação ao Mestre Dante de Laytano, foi delegada em Canguçu da Academia Brasileira de História e teve atuação marcante no renascimento cultural! de Canguçu no governo de Gilberto Mussi, liderando as professoras Laedi Bachini Bosembecker, Marlene Barbosa Coelho e o radialista Adão Jesus Marques

Pereira.

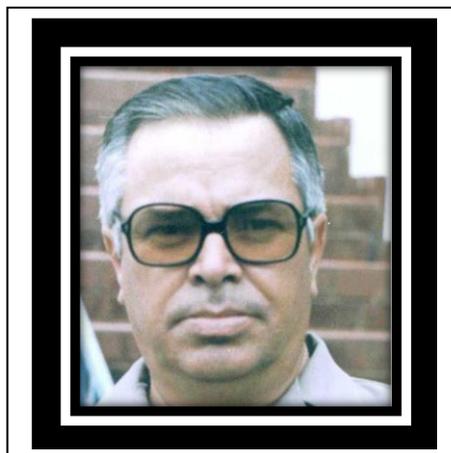
Lembro que me hospedei alguns dias no Aparecida em 1941, com meus irmãos José, Jesus e Maria na doença de nosso irmão Genes que veio a falecer. Irmã Firmina; nos acolheu com um carinho quase maternal, consolando-nos carinhosamente em momento de muita tristeza. Poderia dizer que ela era firme e doce. Firme na manutenção da disciplina e doce quando se fazia necessário. E foi assim que ela me cativou. No arquivo pessoa! conservo muitas cartas dela e os cartões originais e artísticos feitos por ela própria. A descrição da Chacrinha de Eloah coincide com a minha visão. Lembro com saudades de um corredor estreito de acesso a uma pinguela que transpunha o arroio. Do lado esquerdo uma cerca de grinaldas e do lado direito outra junto ao arroio. Corredor que terminava na pinguela que atravessava o arroio. Logo depois, à direita, uma elevação de pedras que eu visitava na ida e na volta da Chacrinha, parar ver e sentir a água quente do sol em três bacias naturais, na enorme pedra que chamávamos de Cacimbinha.

A contribuição da prima Eloah é valiosa para o resgate da História de Canguçu, tarefa a que me dedico há mais 50 anos. E ela cobriu lacunas importantes de minhas memórias sobre a Chacrinha e de seus moradores e instalações, do que guardo forte memória que registrei. Eloah com seu relato contribui para ressuscitar ou retardara 3ª morte de seus personagens, a ser-verdade o que eu ouvi de um genealogista ao tomar posse na Academia Barra-Mansense de História, na cadeira Marechal Floriano em 3 de outubro de 2006. Ou seja: o ser humano tem 3 mortes: a primeira ao expirar, a segunda ao ser sepultado e a terceira na última vez que seu nome for lembrado ou mencionado.

Assim como eu e Cairo Moreira Pinheiro, agora Eloah. Temos ressuscitado pessoas queridas ou conhecidas, na maior parte das vezes mergulhadas no esquecimento pelas gerações que as sucederam, promovendo paradoxalmente sua terceira morte. E assim estamos no caso em tela, preservando a nossa identidade familiar, através da genealogia, informando na medida do possível, suas contribuições e exemplos deixados em suas passagens por este mundo e revelando parentescos que a maior parte das vezes foram esquecidos na construção da comunidade canguçuense sesquicentenária em 2007 e bicentenária de fundação em 2000 como Capela Curada N.S, da Conceição de Canguçu que foi a padroeira do Exército de Portugal e do Exército do Império do Brasil.

Que outros canguçuenses sigam o exemplo de Eloah Moreira Morales do Nascimento, cultuando a memória de seus entes queridos, para a referência das gerações que lhes seguirão pelos tempos afora. Eu tenho a consciência que dei o exemplo e desfruto a agradável sensação deste dever muito bem cumprido à semelhança do praticado por culturas orientais, para os quais família não se restringe à que vive sob o mesmo teto mas a ampla família levantada pela Genealogia, ciência auxiliar da História. Cláudio Moreira Bento Coronel Presidente da Academia Canguçuense de História Resende, A cidade dos Cadetes, 12 de fevereiro de 2007 Ano do sesquicentenário do Município de Canguçu.

**MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIGITAL SOBRE A POSSE NA ACANDHIS DA
PROFESSORA INGRID BOHMER FERRAZ NA CADEIRA Nº 18 ARCEBISPO DOM
OCTAVIANO**



Cel Claudio Moreira Bento

RECEPÇÃO COMO ACADÊMICA DA PROFESSORA INGRID GOULART BOHMER FERRAZ

Em 13 de Setembro de 1988 , há 33 anos, ao inaugurarmos a Academia Canguçuense de História, no Salão de Honra da Casa de Cultura Marlene Barbosa Coelho, fomos apresentados a uma graciosa e animada menina aos 12 anos, que cedo havia participado de atividades tradicionalistas, representando Canguçu com Prenda em vários eventos nacionais.

Então decidimos admiti-la como primeira sócia júnior da ACANDHIS.

E esta animada menina, decorridos 33 anos da fundação da ACANDHIS é hoje a professora Ingrid Bohmer Goulart Ferraz, casada com o Sr Jardel Martins Ferraz e mãe de Ana Carolina e Maria Laura.

Ingrid é bisneta de Nico Duarte que faleceu centenário e de Badico Creut Goulart e neta Hipocrates (Santos) Goulart, um dos pioneiros no futebol em Canguçu, junto com meu cunhado Altair Bandarra. Hipocrates irmão de meu saudoso amigo de infância e adolescência Nede Goulart e também de meu amigo Osmar Goulart.

Ingrid muito participou das atividades da ACANDHIS como locutora. E passado os anos, a reencontro como professora municipal no interior pesquisando sobre quilombolas de Canguçu. E daí em diante perdemos o contato. Ela formou-se em Comunicação Social e Jornalismo e Licenciatura em Letras pela Universidade Católica de Pelotas e se especializou em Educação continuada pelo IFSUL.

Ao escrevermos nosso livro recente ACANDHIS A CASA DA MEMÓRIA HISTÓRIA DE CANGUÇU procuramos em vão encontrar o seu endereço, telefone e e-mail para homenageá-la, mas seu sucesso.

Hoje Ingrid também descendente de pomeranos e se “considera uma apaixonada pelo Magistério, o qual junto com sua família, constituem os pilares de sua existência.”

Seja bem vinda à Casa da ACANDHIS hoje com 33 anos de profícua existência. A casa é sua. Tome assento e fale-nos do ilustre canguçuense Arcebispo

de Campos D. Otaviano de Albuquerque, e da falecida e saudosa acadêmica Professora Rosenda Barbosa Telesca que tanto contribuiu para o desenvolvimento da ACANDHIS como historiadora da infra estrutura de proteção a saúde em nossa terra, homenageando aos que se dedicaram a este importante ramo. Temos estudado a vida deste ilustre canguçuense Dom Octaviano que foi amigo de infância e adolescência de meu avo Cel, Genes Gentil Bento. Ao se fixar no Rio de Janeiro, no Mosteiro de São Bento deu início, no Rio de Janeiro a Páscoa dos Militares. Celebrou no Rio a missa pela alma do heróico príncipe neto de D. Pedro II que combateu na 1ª Guerra Mundial e em cerimônia que reuniu integrantes da família imperial Brasileira. Por ocasião da Intentona Comunista na Praia Vermelha em 1935, foram mortos vários soldados pelos comunistas e também dos que reprimiram a revolta. E a irmã de um deles escreveu um livro resgatando a memória de seu irmão, defendendo que ele não fora revoltoso e pediu ao Presidente João Figueiredo que o prefaciasse. E o livro foi submetido a minha apreciação como historiador militar, para que o presidente não viesse praticar um erro de Julgamento. E na minha análise chego a opinião, no caso, do meu ilustre conterrâneo Arcebispo D. Otaviano, opinando que o soldado morto era de família muito católica e que jamais se envolveria numa atividade revolucionária comunista. E meu relatório de segurança para que o Presidente prefaciasse o citado livro da irmã em defesa da memória de seu irmão, para limpar seu nome da suspeita de haver participado da Intentona. Assunto que abordei ao tratar D. Otaviano como filho ilustre da Canguçu as p.278/280 de meu livro **Canguçu reencontro com a História...** disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas, em Canguçu-RS no site www.ahimtb.org.br Renovados parabéns a nova acadêmica de quem muito espera a ACANDHIS.